

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DE MARÇÓ 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALTERIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLIVPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O sr. ministro do Interior, no relatório que é um attestado de actividade proficua, exprimiu-se com uma franqueza forrada de energia e de justiça, sobre o vergonhoso gráu de rebaixamento da instrucção publica secundaria, fornecida pelas fabricas de aspirantes a bachareis e a doutores, a mais prospera industria do Paiz.

Todos os Estados têm os seus moinhos de exames de preparatorios, nos quaes são laureados os incapazes por mestres, que sabem, ás vezes, menos do que elles, porque as cadeiras do ensino secundario constituem um magnifico meio de recompensar serviços politicos.

Occorre mais a necessidade de aprovar os rudes filhos dos eleitores, moços que, insensíveis ao fogo sagrado da sciencia, apenas são pretendentes aos exames, reduzidos a formalidade muito summaria, depois da invenção dessa miua dos collegios equiparados e das faculdades livres, que estão alastrando como um contagio perigoso, só comparavel á mania dos empréstimos de capital estrangeiro.

Não tarda que todos os Estados tenham faculdades de direito, de engenharia, de medicina, donde surjam, todos os annos, turmas de doutores, que mal saberão ler e escrever correctamente, constituindo uma massa poderosa como a força bruta da ignorancia, diplomada para exercer todos os cargos, na advocacia, na magistratura, na politica, para dirigirem as industrias e as artes, para tratarem da saúde, da vida do proximo, como se a investidura e o anel symbolico affirmassem a presumpção de competencia, sem outras provas de capacidade.

A instrucção secundaria está, como todas as funcções mais importantes da administração publica, entregue á politicagem e têm sido burlados todos os meios de conter os seus perniciosos effectos.

Ninguém desconhece essa pandega dos exames parcellados que se têm arrastado através de prorogações, encontrando sempre o mais benevolo acolhimento no Congresso, pela simples, pela intuitiva razão de terem os representantes da Nação entranhas muito sensíveis, de serem paes, cujos filhos necessitam de exames, de deverem favorecer, por identidade de razão, os filhos dos seus eleitores, dos seus amigos, dos seus compadres, personagens preponderantes nos conchavos da politicagem.

Nenhum mal resulta para o Paiz, para a solidez das suas instituições, nem para a conquista dos seus destinos, dessa instrucção falsificada; antes, pelo contrario: um solido lastro de instrucção é uma carga incompativel com a necessidade de fluctuar, passivamente, na onda revolta da existencia. Além disso, a sciencia infunde o conhecimento proprio, illumina as consciencias, com a rutilante noção do bem e do mal, avigóra os freios cerebraes dos instinctos, cria escrupulos melindrosos, determina uma certa timidez — outros tantos embaraços aos arranjos da vida e ás carreiras liberaes, que a liberdade profissional escancarou aos homens superiores, como aos incapazes.

Os factos mais notorios justificam esse desprezo pela instrucção, provida por um ensino solido, estreme de fraude, um ensino que dignifique e honre discipulos e mestres. Não é preciso saber para subir: o essencial é saber trepar sem escolher escadas. E, desde que um homem se liberta da consciencia da propria incapacidade, pôde attingir as mais altas posições.

E' bem verdade que o saber não occupa lugar; mas é tambem certo que a ignorancia occupa ainda menos, principalmente na bagagem necessaria para perlustrar os tortos, os invios e asperos caminhos da vida pratica.

Um individuo, scientificamente preparado para o commercio, ganhará

menos dinheiro que o commerciante feito a ponta-pés, preparado a cabo de vassoura, porque nos processos da sciencia do primeiro não entraram o furto no pezo e medida, nem a falsificação nos generos, a adulteração das marcas, o baptismo das bebidas e o contrabando, que serão os elementos da fortuna do segundo. A superioridade consistiria em conhecer, o primeiro, as leis mercantis, a respectiva sancção e ser sopitado por certos escrupulos, que o segundo desconhece.

Em outro ramo de actividade humana, um individuo de superioridade mental tem escrupulos de aceitar cargos para os quaes não tenha preparo solido, cargos que um nullo empolgará sem cerimonia, porque elle sómente tem em mira um meio de vida.

Para exercer as mais altas funcções da politica, não se exige competencia; basta que seja disciplinado, que seja malleavel, que obedeça cegamente, inconscientemente, sem restricções e sem grammatica. Saber votar é um dom que o berço deu, e sómente a campa tira. E quem sabe votar pôde ser deputado, senador, tanto mais quanto, nessas corporações, existem sempre uns tantos homens encarregados de querer e pensar pela grande maioria esmagadora, posta na balança dos mais transcendentos problemas sociaes.

Ha poucos dias, escreveu um publicista anonymo, assanhado em torno da successão do honrado sr. Rodrigues Alves, que, para a curúl presidencial, não provaria bem um homem da cultura do sr. Ruy Barbosa. E, para illustrar o seu conceito, aquelle publicista affirmou que as nações não necessitavam de chefes sabios, que vissem dois dedos adiante do nariz. Os patriarchas da civilisação e do progresso dos povos, os fabricantes de nacionalidades fôram, em todos os tempos, uns mediocres arrancados da escuridão pela oportunidade e pelo acaso, que é o eterno eleitor dos per-

sonagens de risco e de marca na historia da humanidade.

Os povos — affirmava o supracitado anonymo, com uma candidez immaculada — não necessitam de oradores, de juristas, de litteratos. Os constructores da grandeza assombrosa da nação norte-americana, fôram um agrimen-sor, como Washington, um carpinteiro como Lincoln, dois sujeitos apanhados á tôa, surgidos do nada. Logo chegariamos a esta conclusão pungente — para ser presidente da Republica, para dirigir o povo brasileiro, não são indispensaveis attributos de capacidade, de preponderancia pela instrucção e pelo saber. Qualquer paizano serve, como dizia o marechal Floriano Peixoto, de uma feita em que se tratava de prover uma cadeira do Supremo Tribunal.

Mas, o exemplo foi muito mal escolhido porque, em qualquer biographia resumida e magra, poder-se-ia verificar que Washington teve solida instrucção para a paz e para a guerra; era um estadista no sentido tecnico do termo. Da mesma fórma, ficar-se-ia sabendo que aquelle carpinteiro, o grande Lincoln, conquistou todas as posições sociaes pela sua palavra, como um dos mais eloquentes oradores do seu tempo.

Desse modo, se falsifica a historia para gaudio da ambição dos incompetentes e para demonstrar que a instrucção secundaria ou superior não é genero de primeira necessidade para a viagem aos fastgios da sociedade.

* *

Verberando a decadencia do ensino, o sr. ministro não desceu a indicar as causas do phenomeno, causas providas, em grande parte, da tolerancia, da nullificação de todos os meios de sanção.

Lá mesmo, no seu ministerio, notámos pronunciada amabilidade para com os estudantes, solicitando favores que lhes compensassem os infortunios das bombas, porque seria crueldade prejudicar um bello moço, de distinctissima familia, filho de uma incontestada influencia politica, por causa de rabugices do codigo do ensino, expondo-o ao perigo de não gozar do beneficio dos taes exames parcellados... Um decreto paternal, de

uma doce tolerancia inócua, resolve a dura situação, e o governo ganha a popularidade da mocidade e devotados sustentaculos, prezos pela gratidão.

Esse factio é vulgarissimo e com elle concorre a tolerancia fraudulenta, de que ha, dizem, alguns lamentaveis casos.

Um individuo — *verbi gratia* — se intitula bacharel em sciencias sociaes e juridicas e, com o simples certificado do anel de rubi, pretende um logar na magistratura. Dispõe de boas cunhas, arma-se de uns pistolões decisivos e consegue a nomeação. Verifica-se, depois, que o homensinho não teve paciencia para terminar o curso, não se submetteu inteiramente ao rapido processo de electricidade.

Os nossos leitores pensarão que o governo, verificado o embuste, arrancou a tóga ao juiz de fancaria e mandou applicar-lhe, severamente, a sanção penal. Não, senhores; o governo, reconhecendo a fraude, mandou que o homem fôsse sorrateiramente, clandestinamente, fazer o seu curso; deu-lhe uma licença com todos os vencimentos para tratar da sua saúde mental. O homem voltou doutor com todos os sacramentos e continuou a exercer, nobremente, dignamente, o seu cargo, sem abater a moralidade da administração, nem diminuir o prestigio da justiça.

Se o governo assim procedeu, correu para demonstrar que a instrucção technica, a instrucção exigida por lei, não é genero de primeira necessidade para as funcções publicas.

* *

Em todo o caso, é de justiça affirmar que o relatorio do sr. Seabra é um documento da sua capacidade, do seu esforço, revelando um entranhado amor ao serviço da Patria.

POJUCAN.

O COLLECCIONADOR

Tinha elle umas manias muito curiosas. Era um excentrico, um exquisitão. Vestia-se invariavelmente de preto; mas do seu fato a peça mais notavel era o chapéo. Usava-o de palha do Chile, e tinha-lhe tal apêgo, que o não largava nunca.

Fôsse inverno ou verão, subisse o thermometro a 42° ao sol ou ficasse em 5°, era o mesmo; ninguém lhe via outro chapéo.

Já fazia parte da sua physionomia. Não se podia mais pensar no homem, sem lembrar immediatamente aquelle apendice de abas largas e brancas.

Um exquisitão, o major Rogerio. Depois de se ter occupado com muitas coisas durante a sua vida de 50 annos, tendo-lhe abortado todas as profissões, vivia ultimamente das rendas de uma herança que lhe deixára uma velha tia, muito admiradora da sua sciencia.

— Ninguém, — dizia a convencida senhora, — ninguém sabe historia como o Rogerio, meu sobrinho!

Effectivamente, elle lhe contava muita coisa, a historia da revolução franceza, que aprendera num romance de A. Dumas, *As memorias de um medico*, e outras historias que a simples senhora tomava como a Historia e concluia que ninguém sabia tanto quanto elle, e deixou-lhe, por isto, um bom quinhão em testamento.

Tranquillo pelo dia de amanhã, deu-se a colleccionador, mas um colleccionador original. Reunia todas as cartas de enterro que encontrava; dava-lhes busca por toda a parte; fazia disto a sua mania, a sua paixão dominadora.

Vivia á cata desse papel tarjado e lugubre; lia as gazetas, não para saber de politica, de commercio, disso que interessa a toda a gente, mas para informar-se de enterros, que lhe podiam dar bons exemplares á sua collecção. Logo que as apanhava, vinha todo contente, todo nervoso, collar nos seus albuns a preciosa curiosidade.

Conseguiu, desta sorte, uma collecção completa e magnifica, segundo elle. Possuia cartas de todas as fórmas, de todas as epochas, para todas as classes.

Umás em delicioso velino, com anjos chorosos e salgueiros em relevo, bella cruz sobre um monumento, em cuja face as phrases luctuosas se enquadravam, simetricas, numa grande dôr elegante e de effeito. Outras havia em papel margeado de gravuras de uma tristeza feróz e convencional. Via-se a morte em fraldas de camisa, com as pernas em osso, empunhando um alfange immenso e ameaçador, já gasto de cortar pescoço de christãos. Adeante, uma sepultura entreaberta, uns ramos de cypreste, em fórma de illuminura, em torno da pagina, e por sobre ella, num vôo elegiaco e sepulchral, um anjo levando pelo braço o morto, enrolado em longo sudario branco. Ao centro da pagina, estava o convite, em tom plangente, numa desolação profunda, feita de antemão no livreiro.

E outras havia menos luxuosas, menos brilhantes, e todas colleccionadas com mimo, com methodo de amator apaixonado, empregando nisto a maior parte do seu tempo, dos seus cuidados e dos seus rendimentos.

Gostava muito de exhibir o seu thesouro aos olhos curiosos dos raros amigos que lhe appareciam em casa, donde já fugiam, com medo da caceação e da invencivel tristeza que os invadia, deante daquella lugubre accumulção de documentos mortuarios.

Quando apanhava de geito algum desgraçado, então se enthusiasmava e, com a palavra rapida e calida, o olho brilhante e o gesto convencido, ia fazendo o commentario pittoresco a cada uma daquellas folhas luctuosas.

— Esta, por exemplo, — dizia elle, com amor, pegando o canto da folha, — encontrei-a em numa mercearia, entre muitos papeis sem prestimo...

Tudo o que não era carta de enterro, era para elle papel sem prestimo, farandulagens...

— ... Deu-m'a omercieiro, sem saber que thesouro me punha nas mãos, o toleirão!

E ria superiormente.

— Um thesouro, sim senhor. Advinhe agóra de quem se trata...

E o outro, atarantado, sem comprehender, um tão grande enthusiasmo.

— Eu sei cá, meu amigo. Não posso advinhar.

— Ande, faça sempre um esforço.

E o outro, timidamente, com receio de um disparate, de uma data demasiadamente recente:

— De Pedro Alvares Cabral...

— Oh! oh! Este não nos morreu por cá. Estaria aqui si assim não fôsse; não é desse. Mas é do visconde de Cayrú, morto em 1835. Cincoenta e tantos annos tem esta! Assombroso, meu amigo!

E com o gesto, parecia querer incutir assombro no infeliz.

E proseguia:

— Aqui está Fulano, morto em 58; Cicrano, em 60; Beltrano, em tantos...

E as folhas passavam, sob os seus dedos, uma após outra, no tom luctuoso de azas tristes que se debatem.

De repente:

— Conheceu João Caetano? Lembra-se delle? daquelle celebre actor que tantas lagrimas fez derramar ao publico do Rio de Janeiro? aquella alma de artista superior, que melhor que ninguem sabia commover as plattéas doidas de enthusiasmo, a bater as palmas com os olhos razos de lagrimas? O João Caetano, homem?

— ?

— Não sabe, oh! meu desgraçado amigo! Pois aqui tem a carta do seu enterro: 1863.

Ia assim até á ultima folha, na sua exhibição apaixonada: um maniaco

perfeito. Ninguem lhe conhecia outra paixão.

Quando moço, andou envolvido numa intriga amorosa, na qual, comtudo, era innocente, rendendo-lhe o qui-pró-quó uma fractura na perna que o obrigava a claudicar.

Era muito cheio de habitos, muito rotineiro. Tinha o costume de ir, todas as tardes, com seu chapéo do Chile e sua perna quebrada, até beira-mar, onde se demorava, distraído, pensativo, a cuidar na grande mèsse de cartas de enterro que fazia, si Deus, na sua infinita bondade, fizésse desabar sobre aquella cidade ruidosa, uma grande epidemia, como a febre de Athenas ou a peste negra.

— Que magnificos achados! que bella saíria a colleccção. Toda essa gente importante, alli! Toda! Deodoro, Ruy, Mayrink, todos alli, entre tarjas negras, collados nos albuus, a fazer inveja a todos os colleccionadores do mundo!

E a cabeça lhe andava á roda com a vertigem. Via deante dos olhos uma mortandade espantosa, as ruas juncadas de victimas, abatidas aos golpes do flagello; a cidade se derretendo em cartas de enterro, que se abatiam sobre elle, numa chuva prodigiosa, bellas, sonoras, admiraveis, no seu ciclar de azas que se agitam. Como se achava insufficiente para tudo aquillo! Entretanto, era preciso apauhal-as todas, aquellas bellas cartas, para que ninguem as possuísse; e só elle, e só elle!...

E abria os braços, dilatava as mãos, de olhos accesos, a mover-se nervosamente, como quem apanha muitas coisas a um tempo, a girar febril, louco, claudicando, numa excitação de avarento superexcitado.

Quando voltava a si, surprehendia-se a fazer uns largos gestos desencontrados. Então, ficava triste, com raiva de si proprio, de se deixar absorver assim, por uma idéa louca, absurda. E olhava para os lados, afim de ver si alguem o tinha surprehendido.

E lá ia, beira-mar a fóra, arrastando a perna, desconfiado, até longe, donde parecia uma nodoa preta com um ponto branco, que era o chapéo.

Parava distraído, absorto outra vez. Era victima dessas absorpções. Uma idéa apanhava-o e arrastava-o como um turbilhão, desacordado. Parava e punha-se a rabiscar na areia da margem, uns arabescos muito entrelaçados, muito rendilhados, quasi iniutelligiveis, através dos quaes, attendendo-se bem, viam-se as fórmulas vagas de uma lettra, a inicial,—de certo, de um nome que lhe era querido e lhe estava n'alma, como o veio de ouro na rocha.

A vaga, ás vezes, vinha-lhe apagar os arabescos, que elle restabelecia uma e muitas vezes, em lucta com a

vaga teimosa, até que a noite caía, e elle se ia para casa, ainda numa forte teimosia, a esboçar no espaço, com a ponta da sua canna, a lettra mysteriosa e amada.

Era a inicial do nome da sua filha, essa lettra, da sua filha, a unica creatura que seria capaz de fazel-o pôr fogo á sua colleccção.

Uma bella rapariga de vinte annos, de dentes muito claros, muito parecida com a mãe, que fôra uma das mais formosas mulheres do Rio de Janeiro.

O velho tinha-lhe uma affeição de rara intensidade. Tudo na natureza desse homem excedia a linha média, assumindo as proporções da mania. Pois o amor da filha era uma mania, e mania mais intensa que todas as outras...

Começou a definhar a pobre moça. Logo que o velho se aperceben, não lhe saiu mais de ao pé. Noite e dia, á beira della, com os cuidados meticulosos de uma mãe. A molestia foi longa. O velho vivia estarecido. A filha pedia-lhe que repousasse; affirmava que não precisava da sua presença durante as noites; que estava melhorada. Ficava muito quieta, fingindo-se adormecida, para que elle repousasse. Mas o pobre homem, com o ollhar de cão leal que espreita a vontade do dono, ficava numa cadeira, sentado, têsso, luctando com o somno; ou então fazia uma retirada falsa, para não affligir a filha, e ia occultar-se ao pé da porta, attento ao minimo ruido, com os olhos cheios d'agua.

E assim se passavam as noites, e assim se succediam os dias até que a hora fual sôou para a bella rapariga. Rogerio, contra toda a expectativa, recebeu o golpe com uma resignação estoica. Deu ordens, providenciou para o enterro, com uma serenidade, com uma fortaleza de animo que surprehendia. Encommendou um bello caixãozinho côr de lyrio, onde a pobresinha devia dormir o ultimo somno, sem fim, da materia, emquanto o seu puro espirito, d'azas diaphanas, voaria para além, no seio do desconhecido.

Tudo muito serenamente.

Trouxeram-lhe o caixãozinho, todo bordado de galões d'oiro, muito chic, muito elegante. Elle teve coragem de collocar nelle a filha, com uma grande tristeza, mas sem lagrimas, resignado.

Depois, voltou-se, com uma lagrima a tremer no canto do olho, e um nó muito apertado na garganta. Viu um masso de cartas que estavam sobre a mesa, e a febre do colleccionador accendeu-se. Atirou-se sobre ellas, alucinado, esquecido da scena dolorosa que o cercava, com uma idéa que o dominava, intensa, viva, faiscante, absorvente: a de enriquecer os seus

albus com aquellas preciosidades que alli estavam. Tomou, com mão tremula, o masso luctuoso; lançou avido olhar sobre elle, e topando com aquelle nome amado que tantas vezes esboçára com a ponta da bengala, disputando-o á vaga teimosa, soltou um grito de horror, correu ao gabinete, tomou, numa braçada immensa, as suas collecções: atirou com ellas pela janella fóra, num impeto louco, e veio cair, soluçando, como um desesperado, sobre o corpo regelado da filha.

Ficou curado. Nunca mais o viram ás voltas com as taes cartas; em compensação, continuou com os seus passeios á beira mar, numa grande tristeza nostalgica, arrastando a perna, e a escrever na areia aquella mesma inicial, enquanto o vento lhe arrebitava as abas do chapéo do Chile.

VIRGILIO BRIGIDO.

HISTORIA DAS TERRAS BRAZILEIRAS

As terras têm a sua historia, que fórma um interessante capitulo da historia da propria Terra. A sciencia já conseguiu penetrar pelo passado do nosso planeta, reconstituindo os aspectos principaes na sua evolução; e não se póde comprehender a historia de um territorio em particular, sem ter, em mente, as linhas geraes da transformação total do globo terrestre.

Ao destacar-se do Sol, era a Terra uma dilatada massa de gases superaquecidos; mas esse calor que a abraçava, perdia-se (e perde-se) continuamente; e, resfriando-se, o planeta condensava-se progressivamente. Os corpos menos volateis se liquefizeram, e formou-se um immenso nucleo de materias em fusão, ainda ardentissimas, igneas. Continúa o resfriamento; as camadas superiores, as mais leves nesse nucleo em ignição, arrefecem mais depressa, crystallisam, e apparece, á face do globo liquido, uma crôsta solida, constituida pelos granitos, porphiros, etc, que representam os primeiros materiaes de fórma definida no nosso mundo.

A Terra, com a sua crôsta solida, crystallina, está envolvida por uma atmosphera muito mais dilatada e rica do que a actual, atmosphera onde predominam os elementos cuja combinação produz a agua. Essa crôsta, isolando a atmosphera dos terriveis ardores do nucleo igneo, permite que se combinem as massas de hydrogenio e oxygenio; condensam-se os vapores aquosos formados, e cáem, sobre a superficie solida do

planeta, ás aguas abundantissimas que enchem os oceanos actuaes. Mercê da elevada temperatura e das extraordinarias energias climicas peculiaveis áquellas condições, esse liquido ataca fortemente a crôsta solida, corroendo-a, dissolvendo-a; e, dos materiaes dissolvidos e trabalhados, uns permanecem em dissolução na massa liquida, outros se depositam sobre o fundo do oceano primitivo. A temperatura dessa crôsta crystallina é ainda elevadissima; milhares, milhões de vezes, as torrentes liquidas se evaporam, para cair, em turbilhão, sobre a superficie aquecida do sólo primitivo, deixando ali as materias solidas, as substancias que estavam dissolvidas no seu seio. Estes depositos soffrem a acção do calor visinho — do nucleo em fusão, e passam por uma *metamorphose*, propria a taes condições: uma fusão lenta e crystallisação immediata. Sobre a primeira camada solida, essencialmente crystallina, se fórma, deste modo, uma segunda, proveniente de depositos, mas tambem crystallina — são os chamados *terrenos metamorphiticos*, dos quaes o typo é esse gneiss granitoite, tão commum nas montanhas do Rio de Janeiro, e a que, erradamente, dão o nome de granito.

Esses primeiros terrenos recebem em geologia a denominação de *primitivos*, *archeanos*, ou *azoicos*, porque, durante a sua formação, não havia seres vivos sobre a Terra, ou, pelo menos, não se encontram vestigios no seio das rochas metamorphiticas. Resfriando-se assim, continuou a Terra a condensar-se, a retrair-se e a diminuir de volume; mas já a crôsta solida está constituida e não póde contrair-se, para acompanhar o grande nucleo central, na sua diminuição volumetrica. Formam-se rugas e dobras — saliencias e depressões, como succede numa laranja que murcha; e algumas destas saliencias emergem do oceano geral, primitivo. São essas as primeiras terras livres do planeta, as primeiras cordilheiras — os nucleos dos primeiros continentes. Então, já brotou a vida no seio das aguas — seres rudimentares; ha terras e mares; a acção das torrentes sobre as terras emersas, váe desaggregando-as, corroendo-as, debastando-as, arazando-as, e, á custa destas erosões e desaggregações, formam-se novos depositos sedimentarios, no fundo dos mares e nas partes declives. Estes terrenos — os *horisontes* geologicos que apparecem logo acima dos terrenos primitivos — são chamados *terrenos primarios* ou *paleozoicos*, porque ali se encontram os restos fosseis dos seres vivos mais antigos (1). Os terrenos primarios comprehendem uma larga série de depositos, formando varios systemas, e abrangendo um pe-

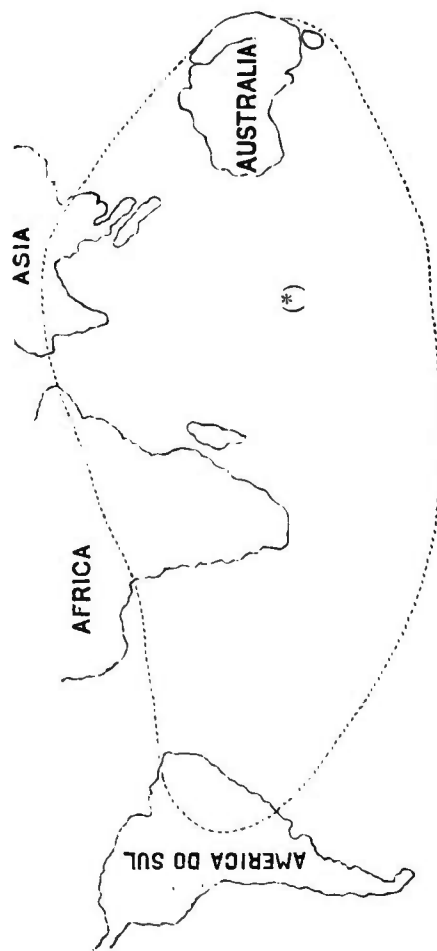
riodo geologico estensissimo. Pelos mesmos processos se constituem, sobre os terrenos primarios, novas camadas sedimentarias, novas séries de terrenos, que são classificados como — *secundarios* ou *mezozvicos*. Sobre os systemas secundarios, se mostram os *terrenos terciarios* ou *néozoicos*, e, finalmente, como formações mais novas — os *terrenos quaternarios*, distribuidos em duas séries: o *pleistocenio*, logo acima das ultimas estratificações terciarias; e as alluviões modernas, cuja formação continúa ainda em nossos dias.

Durante esse longo tempo, o aspecto, os perfis e as altitudes das massas continentaes do globo modificaram-se profundamente, e de um modo continuo. Com o resfriamento progressivo, novas rugas se formaram — continentes e cordilheiras que emergiam, oceanos que se cavavam; massiços, planaltos que se levantavam, acompanhando o rebaixamento continuo de outras zonas, e regiões. Por vezes, este enrugamento era tão violento que a crôsta solida se dilacerava, formavam-se fendas, por onde irrompiam as substancias liquidas, candentes, do nucleo igneo; si as aguas mariuhas por ali se insinuam, formam-se vulcões, cujas crises vêem trazer novas modificações ao perfil e á altitude das terras.

O conhecimento destes factos permite determinar a idade, ou epocha, da formação dos continentes e de elevação das cadeias de montanhas — pela disposição e successão dos diversos terrenos e estratificações, e pela natureza dos restos fosseis que nellas se contém. Sabe-se hoje, bem approximadamente, a epocha em que se ergueram os Pyrineos, os Alpes, os Vosges... Os Andes não estão ainda perfeitamente estudados, mas, não ha duvida que as estiradas linhas das cordilheiras andinas se levantaram nos fins do periodo secundario para o terciario. Taes levantamentos não se fizeram num dia; representam a obra continua de muitos milhares de annos; são movimentos cuja lentidão está em relação com a portentosa massa de materia em acção; e, nesses movimentos, a elevação, accentuada por um lado, era sempre compensada pela depressão e pelo rebaixamento do outro. Ainda hoje, se notam desses realçamentos e recalçamentos compensadores. Quando nucleos de terras novas emergiam e um grande continente se agremiava, outro, ou outros continentes se rompiam, e velhas terras livres se afundavam.

O perfil dos continentes variava continuamente. Grande numero dos trechos de terras altas, hoje aggregados, formando os continentes actuaes, estiveram separados noutras éras, fazendo parte de continentes que des-

appareceram. Tal succede com um grande trecho do territorio brasileiro. As terras altas, o massiço montanhoso do centro-léste-sul do Paiz, representa os restos de um grande continente que se levantou do fundo das aguas no correr do periodo primario, continente que é um dos primeiros ou dos mais antigos, e do qual só restam quatro ou cinco retalhos, correspondendo justamente aos seus extremos. Dentro do continente americano, dentro mesmo da Sul-America, o planalto sul-oriental do Brazil tem a sua origem distincta. Na epocha geologica correspondente á formação dos terrenos *carboníferos*, já o grande massiço brasileiro havia surgido ao Sol, e constituia o extremo occidental de uma estrada terra que se estendia, de um modo mais ou menos continuo, até á India e á Australia, comprehendendo



(*) Continente desaparecido, de que restam vestígios apenas

o sul da Africa e Madagascar. Nesse tempo, as massas dos continentes se desenhavam, não no sentido de N. S., mas no sentido de L. O. Nesse tempo, ainda o grande oceano de oeste (Pacífico) revolvía as suas vagas por sobre todas essas regiões — amazonica, andina e platina. Em compensação, não existia o Atlantico; o que havia de terras emersas na America do Sul estava completamente separado das terras da Norte America (2), que, por sua vez, se unia, de um modo continuo ou contiguo, ás terras da Europa. Só posteriormente, é que se ergueram os Andes, que fôram acompanhados de uma elevação progressiva dos fundos dos mares amazonicos e platinos. Esse movimento é seguido de uma depres-

são a L.; afunda-se o grande continente Indo-austral-africano. Cava-se o Atlantico meridional, levanta-se o isthmo do Panamá (já nos fins dos tempos terciarios), e, finalmente, a depressão atlantica estende-se até ao norte, isolando a America.

A prova de tudo isto, nós a temos na natureza, na distribuição e na successão dos terrenos, comparados uns com os outros; esta prova está principalmente na identidade dos fosséis encontrados nos horisontes geologicos correspondentes, de cada uma dessas terras citadas, e mesmo na distribuição de algumas das especies vivas. Occupemo-nos apenas dos mamíferos, animaes cujos caracteres são mais faceis de apreciar. A fauna da America do Sul (principalmente os mamíferos do Brazil) é característica, e os seus typos, verdadeiramente notaveis, são peculiares a este pedaço de mundo. Este caracter especial explica-se pela historia geologica do continente sul-americano.

A classe dos mamíferos encerra os typos de vertebrados mais perfectos e adeantados do reino animal — os mamíferos superiores. Ao lado desse grupo, porém, encontram-se quatro outras classes de vertebrados — aves, reptis, batrachios (amphibios), e peixes, que representam typos cada vez menos aperfeiçoados. Esses typos menos aperfeiçoados são necessariamente os mais antigos — é o que nos indicam *a priori* as leis da evolução, e é o que nos demonstra provadamente a paleontologia. Effectivamente, os primeiros vertebrados apparecidos sobre o planeta fôram os peixes, cujos vestígios fosséis já se encontram nos terrenos silurianos (primarios). São, esses peixes primitivos, animaes de aspecto estranho aos nossos olhos, e votados exclusivamente á vida aquatica: só pôdem respirar n'agua. Nos horisontes geologicos immediatamente superiores — no devoniano — já apparecem typos de peixes (Dipneustas), cuja bexiga natatoria se adapta á função de respirar o oxygenio do ar livre, e pôdem, assim, viver sobre a terra enxuta. São os typos de transição para os batrachios ou amphibios, que surgem com os Branchiosauros — os mais rudimentares dos vertebrados terrestres — no carbonifero.

Esses batrachios primitivos já dão o typo geral dos vertebrados superiores — quatro membros locomotores, terminados por cinco dedos, columna vertebral comprehendendo quatro regiões: a cervical, dorsal, lombar e caudal, circulação dupla. Assim como dos peixes saíram os amphibios, assim dos amphibios saíram os reptis, e, de uma forma intermedia, os mamíferos. E' no começo do pêmneo que apparecem os primeiros reptis — Coelosaurios — fórmulas de organização

muito inferior, mas que se distinguem absolutamente dos batrachios, por terem um só condylo ou uma só superficie de articulação do craneo com a columna vertebral. Dentre em pouco, dominam todo o planeta — terras e mares. São animaes de fórmulas varias, estranhas, gigantescas; attingem a 20 metros de comprimento, e mais. Uns ageis, flexiveis e fortes, dominam as aguas: são mixtos de peixes, serpentes e lagartos — Ichtyosaurios, Pithonormorphos, Mesosaurios, Plesiosaurios, etc. Outros avultam, pezados como pachidermes, sobre a terra firme — Ceratopsianos (reptis de cornos), Brontosaurios, Stegosaurios, etc; outros são gigantescas tartarugas, lagartos informes — Dinosaurios enormes, Ornithosaurios cortando os ares como morcegos gigantescos...

O periodo secundario é a idade de ouro dos grandes reptis. Estavam elles ainda em plena pujança, quando, de uma das suas *ordens*, dos mais inferiores, que mal se distinguem dos batrachios — os Theromorphos, saíram os Pantotherianos, os mais antigos mamíferos, cujos restos (dentes) se encontram nas camadas superiores dos terrenos Triasicos, sendo o *Dromatherium* o mais antigo até hoje conhecido (3). Apparece, pouco depois, um outro grupo de mamíferos — aliotherianos, que se encontram tanto na Europa como na America do Sul, separada então do mundo austral. Esses mamíferos primitivos, que não se pôde affirmar hajam sido, ou não, marsupiaes, persistem mofoamente, acanhadamente, por todo o periodo secundario, em cujos fins surgem os Metatherianos (didelphos marsupiaes) e, logo depois, no começo do terciario, aos Eutherianos, ou placentarios. Os marsupiaes são fórmulas mais atrasadas, um tanto anteriores, e pretendem alguns paleontologistas que delles derivem os placentarios. Outros consideram os marsupiaes um ramo distincto, se bem que atrasado, e téem os placentarios como provindo directamente dos Pantotherianos primitivos.

Como os reptis haviam conquistado e dominado a Terra no secundario, assim os mamíferos a avassallam no terciario. Desenvolve-se-lhes o cerebro, aperfeiçoa-se e activa-se-lhes a circulação, dilata-se a intelligencia, que se váe oppondo á força e á robustez estúpida dos grandes saurios, e os váe vencendo e eliminando.

Posteriormente ao apparecimento dos primeiros mamíferos — no fim do jurassico, destaca-se um grupo de reptis — os Ornithosaurios, e dahi derivam os primeiros passaros, — os *Saururæ*, ainda reptilifórmes. As fórmulas superiores — os *Casuinatae*, só apparecem nos fins do secundario.

Esta foi a marcha geral na evolução

dos mamíferos—as fôrmas que primeiro apparecem são sempre as mais atrasadas, que se vão extinguindo, substituidas por typos, especies e generos e familias, mais adeantadas. Ha grupos inteiros, ordens e familias de placentarios (que são os mais elevados dos mamíferos) que têm desaparecido, vencidos, substituidos por typos superiores; tal succedeu aos Creodontes, Tillodontes, Xenarthros, Nomartiros, Macrauchenios, Prototherios, Titanotherios, Pantolestianos, Condylarthros, Antheracothierios, Anaplothierios, Toxodontes. Mas esta marcha, estes desaparecimentos, não têm coincido exactamente em todos os continentes separados. Nos pequenos continentes isolados, a evolução se retardou, geralmente, porque a lucta pela vida é, ahí, muito menos violenta. Na classe geral dos mamíferos, os marsupiaes são mais atrasados que os placentarios; na Europa, elles desaparecem desde os meados do terciario. Dentre os placentarios, os mais atrasados são os desdentados, seguindo-se-lhes os roedores, que são, por sua vez, grupos de placentarios dos primeiros apparecidos. No Velho Mundo, os desdentados extinguiram-se antes dos fins do terciario. Enquanto isto, noutros continentes, eram estes os grupos mais adeantados e dominantes, adquirindo um desenvolvimento notabilissimo. Tal succedeu na Australia e na America do Sul. Mas o facto tem uma explicação naturalissima.

Enquanto permaneceram reunidas, num só continente, todas as terras austraes, multiplas e variadas se apresentavam as condições de vida, communs e frequentes as migrações de animaes terrestres, produzindo, deste modo, uma evolução mais rapida. Isto foi assim até os fins do periodo secundario, quando já haviam surgido os mamíferos didelphos-marsupiaes. Nessa epocha, submergiu-se uma vasta extensão do grande continente austral, para dar logar ao oceano indico, e o que restou emerso, dividiu-se em trez continentes: a Australia, absolutamente afastada, isolada; a Africa austral e o massiço oriental-sul do Brazil, formando uma grande terra, mas também isolada; e a India, que não tardou a reunir-se ao continente septentrional, pois nesse tempo já se levantava, do fundo do mar uraliano, a formidavel cordilheira do Himalaya.

Ao apartar-se a Australia, os mais elevados dos mamíferos no mundo austral eram os marsupiaes, e agóra, isolados, ao abrigo de qualquer concurrencia com as fôrmas superiores que noutras partes vêem surgindo, na permanencia de um clima igual e uma natureza uniforme, esses marsupiaes se perpetuam, desenvolvem-se, florecem, pois que são os senhores. Ao passo que, nas terras septentrionaes,

pelo apparecimento de fôrmas adeantadas—os placentarios, são vencidos os didelphos e condemnados logo á extincção, na Australia, o isolamento os conserva vivos—fosseis vivos. No tracto de terras brazileiras-africanas, as condições de vida são infinitamente mais diversas; a evolução da sua fauna é mais accentuada, não tanto como nas terras do norte, onde as superficies emersas (no correr do eocenio) comprehendem quasi todo o hemispherio. No Brazil-Africa, os mamíferos continúam a progredir, surgem fôrmas relativamente aperfeiçoadas—apparecem os placentarianos. Mas, naturalmente, esses primeiros apparecidos são dos mais imperfeitos e atrasados—são os Desdentados, os Roedores, os Toxodontes, os Typotherios, os Prototherios, Macrauchenios... Rompe-se a ligação com o sul da Africa, cava-se o Atlantico meridional, isola-se completamente a America-sul-oriental. Na Africa, hoje reunida ás terras septentrionaes, essas fôrmas inferiores são promptamente vencidas, substituidas por outras mais vigorosas, de corpo mais harmonico e perfeito, e intelligencia mais dilatada. E' por acaso que no sul d' Africa subsistem uma ou duas especies de Desdentados. Na Sul-America, afastadas, abrigadas no seu clima tepido, favorecidas pela feracidade da natureza, em companhia dos didelphos marsupiaes, sobre os quaes ellas pouco se elevam, estas fôrmas de placentarios inferiores estão garantidas; multiplicam-se, crescem de vulto, dominam. Dos meados do eocenio até o pliocenio, a America do Sul, qual uma grande ilha, possuía uma fauna opulentissima de mamíferos, riquissima em numero, monstruosa em dimensões; mas são todos typos inferiores—desdentados gigantes: Gliptodontes, Miodontes, Megatherios; herbivoros pezadissimos, rudemente inferiores, *Toxodons*, *Pachyrucos*; especies de elephantes inferiores, rudemente atrasados—os Macrauchenios e Titanotherios; roedores gigantes, attingindo as proporções de um rhinocronte—o *Megamys*...

E é só. Não se vêem, na America do Sul, outros mamíferos, até que, nos fins do terciario,—começo do quaternario, vem a lume o isthmo do Panamá, e, por ahí, invade o continente sul uma multidão de fôrmas e typos superiores, porque, é bem de notar, enquanto a America do Sul, isolada, conservava as especies inferiores, a America do Norte produzia muitas das fôrmas e dos grupos mais elevados entre os mamíferos. Allí se acha a patria do cavallo, do elephante, e de muitos dos carnivoros e ruminantes. Com o isthmo, ha uma dupla corrente migratoria de mamíferos no continente americano: typos atrasados—

Desdentados e Didelphos, que se espalharam pelas terras do norte; fôrmas superiores—elephantes, cavallos, veados, camellideos, felinos, viverridos, suinos, caninos, ursideos, etc., que se derramam pelos campos e selvas da Sul-America. Ao norte, são vencidos e extinctos todos esses typos immigrantes, inferiores; ao sul, todos os grandes typos autochtones, inferiores, são batidos e eliminados, mas persistem as fôrmas reduzidas—os pequenos didelphos e desdentados; ao passo que, das especies superiores, vindas do norte, muitas são vencidas na lucta, na concurrencia com as fôrmas precedentes, e assim se extinguem—cavallos, elephantes, camellideos, varias especies de ruminantes e carnivoros entrados.

Quanto aos macacos do Brazil, absolutamente distinctos dos do Velho-Mundo—qual a sua origem? Pela sua organização geral, estes nossos simios são sensivelmente inferiores aos outros, e, por consequente, muito mais proximos dos *Prosimios* e *Lemures*, donde provieram os macacos, *Prosimios* que, vivos, só existem em Madagascar (ilha isolada), e que, na Europa, são fosseis dos fins do eocenio. Tudo leva a crer que os nossos macacos são autochtones. Certamente, o grupo dos simios se diferenciou e se destacou no continente Brazil-africano, pouco tempo antes de cavar-se o Atlantico, que separou as duas terras. Quando isto se deu, já Madagascar se afastára, isolando e salvando consigo os *Prosimios*, que, vencidos, se extinguem por todo o resto do mundo. O Brazil, também afastando-se, isola, por sua vez, e guarda, e salva estas fôrmas simianas inferiores—macacos de garras, de 36 dentes, de septó nasal bestial, espesso.

* *

Assim se tem a explicação do caracter que, actualmente, apresenta a fauna sul-americana, e de alguns dos aspectos mais curiosos da geographia zoologica. Por exemplo: da razão porque, actualmente, só existem marsupiaes na Australia e no Brazil, e porque só existem desdentados no Brazil e no Sul da Africa; e ainda dos motivos que fazem tão differentes os macacos americanos dos do Velho Mundo, ao passo que tanto se assemelham aos *Lemures* de Madagascar e aos *Didelphos-marsupiaes* do Brazil. E' que, afastando-se, insulando-se nesses retalhos de continentes, taes animaes fossilisaram-se em vida. Do Brazil, da Australia e de Madagascar, se póde dizer: que são paizes de fosseis vivos... Será, talvez, que as terras têm os seus fados; mas, á intelligencia e ao esforço humanos, cabe dominar os máus fados, e trazer todos os continen-

tes para as primeiras linhas do progresso e da evolução.

MANOEL BOMFIM.

Director do Pedagogium.

(1) Muitos geólogos de merito tem sustentado que já se encontram restos de seres vivos nos terrenos primitivos.

(2) «No periodo carbonifero encontra-se, pois, entre as duas Americas, este mesmo mar moscoviano e uraliano que separava a Europa do continente indo-africano... Descobertas feitas no Brazil — fosseis de *Glossopteris* nos terrenos devoneanos — permitem englobar, pelo menos, a extremidade oriental da America do Sul no continente australo-africano do fim dos tempos carboniferos... E' rasoavel admittir que toda a Africa austral, o Hindustão e a Australia formavam, na epocha permiana, uma grande massa continental, interiormente retalhada pela abertura da depressão — oceano indico. Dá-se ainda que esta massa de terras não acabava bruscamente sobre o bordo do Atlantico actual; descobertas recentemente assignaladas (Steinmann, *American Naturalist*, ont. 1891) levam a acreditar que o continente australo-africano se estendia até La Plata. Esta terra permiana abraçava, pois, pelo menos, duzentos e vinte grãos de longitude e sessenta grãos de latitude. Si a parte meridional do Brazil pertencia ao continente australo-africano, o mesmo não succedia com a bacia do Amazonas... Até os ultimos tempos do jurassico, nenhuma alteração sensivel se tinha dado na unidade dessa grande terra, que vimos constituir-se, desde os tempos carboniferos, desde os limites orientaes do Brazil até o Pacifico. (*Lapparent — Traité de Geologie*, pags. 810-905-987.)

«Periodo terciario — A fauna da America do Sul é bem mais differente das da Europa e America do Norte, do que estas duas ultimas não o são entre si. Um largo mar devia separar, até o pliocenio, o continente Sul do Norte... A frequencia de marsupiaes na Australia e na America do Sul, torna verosimil a hypothese da união dos dois continentes austraes até o começo do terciario» (F. Bernard, *Paleontologie* — pag. 1045).

(3) Os mamíferos apresentam dois condylos articulares no craneo, ao passo que os reptis só apresentam um. Isto faz crer que os mamíferos se filiam directamente aos amphibios (Huxley), que têm dois condylos. Deve-se notar que entre os Theramorphos ha grupos que possuem dois condylos — Placodius.

A MURALHA (*)

COELHO NETTO

PEÇA EM 3 ACTOS

A Arthur Azevedo

SEGUNDO ACTO

SCENA IV

CAMILLA E ESTELLA

Entram pela esquerda — Camilla á frente mal humorada; Estella, brincando com uma flor.

CAMILLA, voltando-se de repente:

E devolveste?

ESTELLA

Sem duvida. Um homem que veste uma mulher, tem o direito de despil-a.

CAMILLA

E te sentes bem nesses molambos... Preferes andrajos sobre o orgulho...?

ESTELLA

A sedas sobre a deshonra... prefiro!

CAMILLA

E's muito ingenna.

ESTELLA

Sou pura.

CAMILLA

Pois en é que não devolvo.

ESTELLA

Ah!... a senhora...

CAMILLA

Sim, comprehendo: já não estou em condições de ser suspeitada — os meus cabellos brancos são como a bandeira das ambulancias. Mas onve, senta-te e onve-me com calma. (*Sentam-se.*) Acreditas, por acaso, que eu pense em lançar-te nos braços desse homem? E' uma injustiça que fazes á minha virtude de mulher e ao meu amor de mãe. De quem é o nome que trazes? meu: teu marido quem é? meu filho. Admittindo que eu não te quizesse e pensasse em explorar os teus encantos em meu beneficio, lembrando-me de meu filho, eu tal não faria, porque a tua perdição seria a sua deshonra.

ESTELLA

Então porque insiste em impellir-me para esse homem, que eu detesto?

CAMILLA

Porque precisamos d'elle, entendes? Ten marido já tem um logar excellente, na Companhia. Sergio está sendo encaminhado. Quando, de novo, nos houvermos firmado na fortuna, voltaremos á nossa independencia, e tu poderás ser honesta á vontade.

ESTELLA

Quer dizer que, até lá, tenho que me submeter a tudo?

CAMILLA

Protelando, já se vê. Ha uma palavra excellente para aguçar o desejo e defender a honra — é como uma porta que apenas se entreabre: — «Amanhã...» Eternisa o amanhã.

ESTELLA, gravemente:

A minha educação foi muito deficiente, mamãe. Não aprendi, por exemplo, a contemporisar com o dever. A mulher honesta é aquella que o é e não a que o parece ser. Basta que paire no espirito desse homem a suspeita de que eu possa, um dia, pertencer-lhe, para que eu me considere, desde logo, tão impura como a mais impura. Tenho rebatido todas as suas tentativas, desvio-me sempre que o vejo, fujo ás intimidades, constranjo-o ao silencio com o silencio, e a todas as suas offertas respondo com a altivez com que hoje respondi. Vestidos? para que os quero? Resolvi defender-me... Assediame, que importa? se não achar soccorro em meu marido, recorrerrei a meu pae, porque, além do nome que me deu Carlos, tenho de zelar o que trouxe daquelles velhos, á custa dos quaes tanto se ri nesta casa.

CAMILLA

Quem?

ESTELLA

Todos.

CAMILLA

Queres dizer que estás resolvida a tudo...?

ESTELLA

A tudo...!

CAMILLA

Decididamente, és mais que honrada, Estella — és tola.

ESTELLA

Se é assim que a senhora apellida a mulher honesta, eu tomo a mim a alcunha e orno-me com ella.

CAMILLA

E váe-te ás mil maravilhas.

SCENA V

AS MESMAS E ANNA

ANNA, á porta da esquerda:

Já estou cansada de procurar a senhora... (*Desce.*)

CAMILLA

Estamos junto á fonte.

ANNA

Na gróta? Aquillo alli é um perigo. Até dizem que é mal assombrado. A' noite, são gemidos, vózes angustiadas que chamam a gente...

CAMILLA, sorrindo:

E' assim?

ANNA

Eu é que lá não vou. E' então? que é que a senhora ordena a esta sua creada?

CAMILLA

Eu queria saber se a senhora já mandou falar ao tal copeiro.

ANNA

O francez?

CAMILLA

Sim.

ANNA

A senhora quer ficar com elle?

CAMILLA

Se me convier.

ANNA

Eu posso falar; mas olhe que elle pede um diuheirão...

CAMILLA

Havemos de chegar a accordo.

ANNA

E' o Egydio?

CAMILLA, com um momo:

Não me convém.

ANNA

Só porque é preto, coitado! Pois é um excellente rapaz e serve tão bem como o outro.

CAMILLA

Quando pôde mandar falar?

ANNA

Hoje mesmo.

CAMILLA

Pois mande.

ANNA, a Estella:

E' a senhora? sempre tristesinha. Se não fôsse casada, eu diria que tinha deixado o coração lá embaixo. Não gosta do matto...? Pois olhe, isto aqui é muito bom: ao menos, a gente está longe da maldade do mundo.

ESTELLA

E' um engano, d. Anna — a maldade é como o ar: está em toda a parte.

ANNA

O que, menina! Em toda a parte, está

Deus, e se a menina tem alguma afflicção, agarre-se com elle ou peça a Nossa Senhora que lhe dê allivio. (*A Camilla* :) E' é só isso?

CAMILLA

E' só.

ANNA

Então, até logo...

Sae pelo fundo. Depois de uma pausa, entra pela direita um creado com um cartão em uma salva, e inclina-se deante de Camilla.

CAMILLA, lendo o cartão, friamente, a Estella :

Seu pae. (*Ao creado* :) Manda entrar. (*O creado entra á direita. A Estella* :) Deixo-a á vontade. (*Entra á esquerda, com um sorriso ironico* :)

SCENA VI

MATHIAS E ESTELLA

Mathias entra vagarosamente pela direita, othando para tudo, maravilhado. Estella adianta-se, beija-lhe a mão.

MATHIAS

Homem, vocês decididamente estão nadando em ouro. Isto é um paraíso !

ESTELLA

E' um inferno !

MATHIAS, sem ouvir :

Lá castigar, castiga... isso castiga : é longe e a passagem puxada... Como vamos por cá ? teu marido ? os velhos ? (*Outro tom* :) Homem, tu precisas acabar com essa historia de cartões... Eu não tenho cartões, não uso. Tive de escrever o meu nome nas costas de um cartão não sei de quem, que achei no bolso. (*A porta do fundo* :) A chacara é grande... Bella casa ! Vocês aqui, só em fructas, podem fazer um dinheirão. (*Seutando-se* :) Então, que ha ?

ESTELLA

Como váe mamãe ?

MATHIAS

Váe indo. Mandou lcombranças. E tu ? A tua carta chegou-me hoje. Afinal, de que se trata ? (*Outro tom* :) Aquillo allí em baixo, que é ?

ESTELLA

As cocheiras.

MATHIAS

Uhm ! E' carros, hein ? e cavallos... Estás nas tuas sete quintas.

ESTELLA

Estou num pantano, papae.

MATHIAS

Que dizes ? pantano ? (*Vendo-a chorar* :) Que é ? Que tens ? Ora, vamos lá. Arrufos com teu marido, ruzgas... Isso é natural.

ESTELLA

Arrufos ? por tão pouco, eu não lhe daria o incommodo de vir até cá. Chamei-o para salvar-me, papae. Esta gente quer perder me.

MATHIAS

Perder-te ? a ti ? Como ? (*Sitencio*).

ESTELLA

O senhor pasma do que vê e com razão... e eu tiro do seu espanto uma conclusão, que é a minha deshonra. Toda a gente que nos conhece, que sabe as condições precarias em que nos achamos, em vez de exclamar, como o senhor, « que estamos nadando em ouro », dirá, e com fundamento : « que estamos chafurdando em lódo ».

MATHIAS

Calma, não te exaltes. Dize o que ha ; eu aqui estou.

ESTELLA

Meu sogro não tem rendas ; está desempregado ; meu marido só agora conseguiu um logar modesto no escriptorio do dono desta propriedade, que é, actualmente, o fornecedor da familia de que eu faço parte e da qual sou uma especie de garantia.

MATHIAS

Como ?

ESTELLA

Esse homem, papae, persegue-me sem escrupulos, ostensivamente. Engoda-me com toda a sorte de dádivas : são joias, vestidos, bilhetes de theatro, perfume. Atulha a casa de mantimentos, propõe festas, inventa passeios, tudo para mim, unicamente para mim, á vista de todos, meu marido inclusive. Repillo-o...

MATHIAS

Fazes muito bem.

ESTELLA

Repillo-o com energia, faço-lhe sentir o meu desprezo, respondo-lhe aos galanteios com palavras, asperas ; mas elle, acorçoado por minha sogra, que o incita, e por meu marido, que se afasta, torna-se cada vez mais audacioso. Tenho medo de sair ao parque, vivo aqui dentro, sempre me achegando a alguém em busca de defeza, e elle a perseguir-me, a offerecer-me sainetes de seducção, aviltando-me com offertas e olhares que me cobrem de vergonha.

MATHIAS

E' um patife...!

ESTELLA

Elle ? todos, são todos. Eu chego a achal-o puro quando o comparo aos outros. A minha situação é insuportavel : não posso continuar nesta casa.

MATHIAS

Como ? !

ESTELLA

Quero sair.

MATHIAS

Sair ! Sair... para onde ?

ESTELLA

Para onde ? para a minha casa, para a companhia do senhor, de mamãe...

MATHIAS

Não, filha... isso é um escandalo. Uma mulher que abandona o marido, por mais pura que seja, fica sempre manchada. O povo não comprehende que uma senhora deixe a companhia do esposo. Por mais que se prove que ella o fez com motivos justos, sempre liaverá quem diga que ella foi forçada a fazel-o. A casa dos paes, para a mulher casada, não é um refugio, é um esconderijo. A filha que foge para o amor paterno, é sempre uma impura, devolvida pela honra. E' o que te digo. E nós temos que dar satisfação dos nossos actos á sociedade, que os fiscalisa. Além de nós, tens uma irmã casada, com filhos, sobre quem irá recaír a tua falta.

ESTELLA, com espanto :

A minha falta !

MATHIAS

Sim, o teu procedimento ; em face da moral, é uma falta.

ESTELLA

Ah ? sim ?

MATHIAS

O que deves fazer é chamar teu marido, dizer-lhe a verdade, pedir-lhe que te tire daqui, e elle, certamente, fará como lhe disseres. E' o que deves fazer. Sair, nunca ! Essas coisas de separação, de divorcio, são lá para a gente da Europa, que não tem religião nem moral ; nós aqui somos christãos e ainda, felizmente, entendemos como os antigos — que mais vale a morte que a deshonra. Não penses nisso. Que seria de tua mãe ? Se nos entrasses pela casa, dizendo que havias abandonado o teu marido, sei lá ! a pobre creatura era capaz de morrer no mesmo instante. Não penses em semelhante coisa. Varre do teu espirito tal idéa. São os teus nervos. Posso lá admittir que um homem entregue a sua mulher a outro ?

ESTELLA

Papae, o senhor não conhece o meio em que, infelizmente, me acho. Não sabe de quanto é capaz a vaidade, até onde póde levar a ambição desregrada de uma mulher que nasceu na grandeza, que se habituou ao luxo e que, de um momento para outro, se viu forçada ao retrahimento por falta de recursos. Meu sogro é um incapaz, meu marido jóga. Entre a inercia e o vicio, ha essa mulher terrivel, que é a acção. Ella fará tudo, tudo ! Se tivesse a mocidade, já se teria comprometido, é uma decaída, atira-me como victima. Eu sou o ponto de contacto de suas infamias — a vaidade de um lado, a depravação de outro. Estou entre uma desesperada que se procura salvar, e um homem que me deseja : por tráz da minha virtude, passam as notas do suborno e a chave do aposento em que devo ser infamada. A minha situação é esta. Devo manter-me nella ?

MATHIAS

Nem me fales nisso ! Prefiro ver-te morta, morta ! entendes ? a saber-te deshonrada. O que digo é que não deves dar o passo imprudente em que pensas, pelas razões que expúz. A mulher é a mulher. O homem que deserta a casa é um máu marido ; a mulher que abandona o lar é sempre uma perdida.

ESTELLA

Ainda que se justifique ?

MATHIAS

A sociedade não admittre justificações. Se queres, eu falo a teu marido, posto que entenda que em taes assumptos melindrosos, os paes não devem intervir senão sendo reclamados.

ESTELLA

Foi justamente por isto que lhe escrevi.

MATHIAS

Ah ! tu... Mas que queres que eu faça ? dize ! Queres que te leve por allí dizendo a todo o mundo que o teu marido é um infame que te quiz entregar a outro homem ? Não vês que isso váe provocar commentarios desfavoraveis a todos nós. Não revolvamos o lódo. Quero-te muito, bem sabes, mas... a honra acima de tudo ! Tem paciencia. Uma mulher virtuosa vence todas as ciladas e sáe immaculada de todas as torpezas. Que situação será a tua ? pensa — nem solteira, nem ca-

sada, nem viuva — uma mulher servida e posta á margem. Não ! Em todos os casaes, ha falhas...

ESTELLA

Não de brio.

MATHIAS

Sim, mas falhas ; e a obrigação da mulher é occultal-as ao publico. Soffres com teu marido, mais soffrerás sem elle. Por enquanto, é um só homem que te persegue; amanhã, serão todos porque estarás sem a defeza moral da virtude de esposa. Serás uma separada — situação anonyma

ESTELLA

Não ha, então, solução honrosa para o meu caso ?

MATHIAS

Ha uma unica.

ESTELLA

Submetter-me ?

MATHIAS

Filha, é o sacrificio ao dever. Todos nós nos submettemos. Não penses que a felicidade é o que vemos: é, muitas vezes, o que não apparece. Sê forte. Teu marido, se lhe falares, fará por ti o que deve fazer, porque, repito: não admitto, não creio que um homem sacrifique a sua honra em caso algum, ainda que seja para salvar a vida.

ESTELLA

E os tribunaes, meu pae ?

MATHIAS

Que téem os tribunaes ?

ESTELLA

Se eu recorrer á justiça para tirar-me da situação em que me acho ?

MATHIAS

Os tribunaes só pôdem proceder á vista das provas. E que provas tens tu ? E os tribunaes não salvam, minha filha: todo aquelle que passa pelos tribunaes, ainda que sáia com a nota de innocencia, conserva sempre um estygma que o humilha. Diz-se sempre do absolvido o que se murmura do que sarou de molestia vergonhosa — curouse. O curar não depura; antes, prova que se esteve enfermo, como a absolvição não limpa, perdôa — o virus subsiste como permanece a suspeita. Uma mulher só com pedir auxilio da Lei em casos taes, incorre no ridiculo, porque mostra que não teve força para defender-se. Quando a virtude não basta para garantir a honra, nem toda a justiça dos homens será capaz de o fazer. Tribunaes !... Deixa-te de loucuras !

ESTELLA

Em summa: a sua opinião é que devo ficar.

MATHIAS

Sem duvida.

ESTELLA

Para que ?

MATHIAS

Para que? mas para seres o que és -- uma senhora casada.

ESTELLA

Com um amante !...

MATHIAS

Uma amante ! ?

ESTELLA

Que a sociedade me ha de impôr... E não

terá andado com a pressa do costume, porque a minha familia a precedeu.

MATHIAS

Tolices.

ESTELLA

Tolices... Emfim: entre a depravação e a honra, tenho a optar pelo despndor.

MATHIAS

E a tua consciencia ?

ESTELLA

A minha consciencia... é o meu trajo caseiro. Serei virtuosa para mim apenas; para o mundo, não passarei de uma impudica, e é o mundo que julga.

MATHIAS

E Deus...

ESTELLA, tristemente :

Muito obrigada, papae. Resta-me a consolação de lhe haver communicado a verdade. Confessei-me; agóra...

MATHIAS

Agóra que ?

ESTELLA

Nada...

(Continúa)

(*) E' prohibida a reprodução.

FACTOS ECONOMICOS

Não será de mais fixarmos, nitidamente, no espirito publico, factos de grande valor para o destaque do verdadeiro aspecto da situação economica.

De dezembro de 1904 até abril de 1905, a taxa cambial subiu de. . . 12 1/2 % a 16 3/4, isto é 4 1/2 pence, cerca de 37 %.

Esta violenta elevação teve immediata influencia sobre os preços dos nossos productos de exportação, baixa rapida que occasionou aos fazendeiros de café, desde janeiro até junho, fim da safra, um prejuizo que pôde ser computado em cerca de dez mil contos.

Mantendo-se os preços actuaes, a proxima safra do café, avaliada em sete e meio milhões de saccas, dará um prejuizo, aos fazendeiros de S. Pau'lo, de mais de cinquenta mil contos de réis. Com o preço de oito mil réis por arrôba, obtido por grande parte da safra, cuja exploração está a terminar, os fazendeiros, após annos consecutivos de prejuizos, estavam readquirindo coragem, que a alta repentina do cambio descorçoou.

Todos os outros productos exportaveis soffreram baixa, mesmo a borraça, que é um producto sem similar, de consumo sempre crescente. Alguns não pôdem mais ser produzidos para a exportação, por saírem mais caro do que o preço que pôdem obter.

A alta do cambio fechou a saída para o Rio da Prata da herva-matte, producto que é o principal sustentaculo das finanças do Estado do Paraná e da respectiva estrada de ferro.

Até o ouro da Companhia do Morro Velho está prejudicado pela alta do cambio, apesar da redução dos salarios, redução que provocou uma gréve. Segundo relatorio dessa companhia, a sua installação está calculada a 12 d por mil réis.

O manganez offerece outro exemplo das funestas consequencias do facto. Muito capital nacional foi corajosamente empregado nessa mineração, em ramaes de estradas de ferro, installações locaes. Fôram recrutados e exercitados nesse trabalho milhares de operarios, e, para alimentar-os, crearam-se colonias agricolas, pois não havia culturas nas terras de manganez. Ha oito annos, o Brazil não o exportava e, nos ultimos annos, a exportação desse minerio, extraído dos Estados de Minas e Bahia, elevou-se a mais de duzentas mil toneladas, por anno, cobrindo mais de metade do consumo da metalurgia européa. Mas a elevação do cambio, impedindo a exportação do manganez, destróe o capital nacional empregado nessa mineração, dispersa os milhares de operarios por ella educados, faz desaparecerem colonias agricolas. Ainda mais: Bahia e Minas terão que riscar dos seus orçamentos a receita proveniente do imposto dessa exportação.

Consta que a companhia de S. Bento, que ía encetar os trabalhos das suas minas de ouro, renunciou a esse empenho.

Isto importa no descredito da mineração do Brazil.

O sr. Israelson, concessionario da exploração das areias monaziticas, paga sessenta contos por mez de salarios e saca sobre a Europa pelo equivalente. Ao cambio de 12 d., ou 20\$000 rs. por libra, sacava 3.000 £; com a subida do cambio a 16 3/4 é obrigado a sacar £ 4.188 para pagar os mesmos salarios. O excesso de £ 1.188 mensaes reduzirá o producto liquido das areias, inquinando de desanimo essa industria.

Os srs. Walker & Companhia, empreiteiros das obras do porto do Rio de Janeiro, cujo orçamento foi baseado em 12 d., viram seus calculos perturbados pela brusca elevação. E' de Londres que sacam o dinheiro para as obras empreitadas e os saques em ouro produzem muito menor quantia em mil réis á taxa actual, que está cerca de 38 % acima da de 12 d. De sorte que, em virtude disso, um bom negocio se torna menos favoravel e talvez obrigue os empreiteiros a suspenderem os trabalhos ou a appellarrem para a equidade do governo afim de compensarem, por qualquer fórma, as consequencias desastrosas da elevação do cambio.

Já tentaram reduzir o salario dos operarios, que não gozam de redução nas suas despesas de moradia, de

alimentação, de vestuário, e reagiram por meio de uma grêve.

E' a reproducção do caso das minas de Morro Velho, facto que, indubitavelmente, se reproduzira em outras empresas, que dependem do capital estrangeiro.

O Pará já creou um novo padrão monetario, o de 12 d., para pagar os seus funcionarios, reduzidos os seus honorarios pela alta do cambio.

O commercio não encontra dinheiro para o desconto de bôas lettras; os negocios do cambio absorvem os capitães moveis.

Os *stocks* de mercadorias, pagas ás taxas cambias anteriores, já estão depreciados.

O commercio interestadoal está paralyzado, como se dedúz do facto de não ter a nossa navegação de cabotagem cargas, mesmo a fretes reduzidos.

As fabricas de tecidos nacionaes, que já proviam os Estados de tecidos, chapéos e outros artefactos, vêem suspenderem-se as encomendas.

O cambio subiu; mas o custo da producção, o custo da vida não baratearam. Quem provocou a subida e se felicitou pelo exito do facto, talvez para fins politicos, não reflectiu ou não sabia o que estava fazendo: é, moralmente, responsavel pelos prejuizos que occasionou; commetten um crime de leza patriotismo, arruinando o paiz arrastando-o a uma crise talvez peor que aquella que nos conduziu ao *funding-loan*.

E' isso, quando os impostos aduaneiros federaes e estadoaes já estão hypothecados ao estrangeiro; quando as dividas da União e dos Estados montam a noventa e cinco milhões esterlinos; quando a divida do Banco da Republica para com o governo, já subiu a cerca de oitenta mil contos.

Diz-se que o governo váe reorganisar esse banco, fornecendo-lhe o capital. Onde o irá buscar? Desfar-se-á do patrimonio nacional da Estrada de Ferro Central, conservada com tanto sacrificio, das estradas de ferro, ha pouco adquiridas do estrangeiro e dos nacionaes, bens que, implicitamente, respondem pelos titulos de rescisão?

Não se crearam novas fontes de producção. Numa terra como a nossa, que deveria desenvolver e remunerar bem o trabalho, o operario de Minas Geraes ganha mil réis diarios para vestir-se a si e á sua familia, para alimentar-a. Centenas de engenheiros brasileiros estão sem emprego. Os operarios agricolas do Estado do Rio, confiado ao patriotismo clarividente do sr. Nilo Peçanha, vêem procurar melhores salarios nas demolições da Capital Federal.

A esse quadro se deve acrescentar que as propriedades ruraes estão invendaveis.

Do exposto, em rapido esboço, se dedúz, sem contestação, que alta do cambio só serve, nesta deploravel situação economica, para afugentar do Paiz os capitães que poderiam ser mobilizados.

As acções da industria nacional não têm procura. As apolices se mantêm cerca do par por motivos especiaes, por terem a procura de associações de beneficencia, dinheiros de orphãos, de interdictos nellas empregados.

Quando se exgotarem os fundos dos emprestimos, escassearem as lettras da venda do café e outros productos, a preços baixos, afrouxará a taxa cambial, virá o panico, porque a baixa será precipitada e muito caro custarão a amortisação e juro dos emprestimos.

Ter-se-á reproducção do jogo da cabra-céga que deu logar a termos, no Rio de Janeiro, no mesmo dia, trinta e quatro variações de taxa cambial. Agóra mesmo, temos dias de seis e oito variações.

* *

Conversavam negociantes, na travessa da Candelaria, sobre a subida do Cambio e suas funestas consequencias e um delles concretizou a situação da praça, dizendo: — Quem escapou da crise de 1900, não escapará dessa que se está preparando.

Que a situação economica do Brazil não justifica o phenomeno de perniciosos effectos, é opinião manifestada, na imprensa, por pensadores de subido quilate e o grande órgão da Capital tem reproduzido artigos nesse sentido; entre outros, um muito valioso, intitulado — «*Poderá sustentar-se a alta do cambio?*», escripto pelo homem que dirige a repartição da *Estatistica Commercial*, o qual pelo estudo dos documentos, que é obrigado a reunir e analysar, chegou a duvida que trée a pergunta, aliás respondida pela negativa.

Da parte do estadista, a imprevidencia é um crime. Uma vangloria ephemera pôde empobrecer, desorganisar o Paiz, destruir a sua constituição, provocando o desmembramento da Patria.

Uma prova negativa das vantagens da alta do cambio e de que ella não corresponde a phenomenos de prosperidade economica, é que os preços dos generos de primeira necessidade estão subindo. Assim, para citar alguns delles, lembraremos que a batata está a 420 rs, o arroz de Iguape a 540, a farinha de Suroly a 320, a carne secca a 960 e, na mesma proporção, encareceram todos os outros artigos de alimentação.

A crise não amedronta os homens de governo, uma vez que o governo está preparado para dar conta dos seus compromissos proximos. Quem viér atrás fechará a porta.

Da mensagem presidencial ao Congresso, consta que o excesso do valor da exportação sobre o da importação, em 1904, foi de cerca de trez milhões de libras esterlinas. Qual foi, porém, o balanço das contas com os paizes que compram os nossos productos e aos quaes devemos juros, amortisações e dividendos, etc.?

A margem de trez milhões parece pequena e talvez desapareça quando, vencido o *funding-loan*, tivermos de reatar o pagamento das amortisações dos milhões esterlinos que se têm vindo ajuntar á nossa divida externa, elevando-a ao colossal algarismo de noventa e seis milhões de libras esterlinas.

Accrescente-se que a lavoura, a industria extractiva, com os productos depreciados, não terão lucros nas operações deste anno.

Essa é a licção e o aviso dos factos, licção intuitiva, aviso salutar, que sómente poderão ser desdenhados, ou repellidos pelos que tiverem olhos voluntariamente fechados á evidencia das coisas.

DOMINGOS OLYMPIO.

PAGINAS ESQUECIDAS

VÃO-SE OS DEUSES

O velho Satanaz da lenda obscura,
O deus omnipotente do peccado,
Foi-se ha muito da terra, aniquilado
Pelos ultrajes d'uma sorte escura.

Já moribundo e triste, o sem-ventura
Indo na bossa d'um camêlo aguado
De cidade em cidade era mostrado
A' arraia ignobil que histriões procura!

E nem sequer um funebre « aqui jaz »
Hoje assignala em monumento erguido
As reliquias do pobre Satanaz!

Até contam que um sabio, garantido,
Encontrando-lhe a ossada, em these andaz
Provou que *uns ossos taes...* só d'um marido!

JOÃO PENHA.

* *

ARCHITECTURA LONDRINA

Quando, pela manhã, saí para ver o scenario exterior da cidade, seguindo ao longo do *embankment*, achei-me debaixo da ponte do *Charing Cross*, entre columnões massiços, atarracados, côr de sangue de boi, tendo por cima da cabeça um tecto de chapas de ferro da mesma côr, e por cima do tecto os comboios rodando rapidamente sobre carris de aço polido. Julguei-me numa especie nova de Egypto, Babylonia, ou o que quer que fôsse, estranhamente, monstruosamente *antigo*. E ao desembocar na avenida de Northumberland, subin-

do-a, dei de frente com as columnadas e terraços da *National gallery*, que formam o fundo, no alto de *Trafalgar square*. Aquellas columnas, aquellos porticos, aquellas pilastras, pezadas e massiças, negras como carvão besuntado de sebo, com as fontes em frente jorrando agua, e em baixo a columna de Nelson, onde o heróe se apoia a um monte de cordoalha : tudo isso negro, a contrastar com o céu, excepcionalmente azul, produzia em mim uma impressão singular de grotesco tragico, tanto mais que no socco da columna, os quatro belissimos leões de Landseer, deitados como esphinges, me falavam da grandeza épica deste povo que, verdadeiramente, nos tempos actuaes, é como o romano foi nos antigos, o forte dominador dos homens : *Tu regere imperio populos, romane, memento !*

Sem duvida, a impressão do *classico*, em Londres, já pelo negro da pedra, que parece gangrenada, já pela falta de elegancia e leveza das construcções, é grotesca, sem, todavia, ser ridicula. E' brutal e incongruente, obscuramente grande, sem ser grandiosa. Não estamos em Athenas, não. Não é um povo de artistas, não. Mas tambem, em Roma, os monumentos tinham um ar pezadamente colossal, que devia produzir impressões, analogas ás minhas, no espirito dos gregos que visitavam a cidade imperial do Tibre. Analogas, digo, e não eguaes, porque entre Roma e Londres a differença é enorme. Só o instincto *imperial* do povo se parece : o céu é outro, outro o genio da gente. Apesar da sua inferioridade esthetica, nunca a um romano occorreria a idéa de espetar um para-raios na cabeça do duque de York, que, de sobre a sua columna, olha para o *park Saint James* ; nem de expôr, nú e do tamanho de um rhinoceronte, o duque de Wellington, em attitude de Alcides de feira, brandindo uma faca de cozinha, á entrada do Hyde-Park.

Decididamente, Londres, vista de fóra, peza-me sobre o coração. E' *oriental*, como quer o meu companheiro, se por estas palavras significamos as coisas monumentalmente esmagadoras.

Estamos aqui no coração do monstro. Olhando para baixo, dos terraços da *National gallery*, enfia-se a rua

Whitehall, que leva, em linha recta, a Westminster e ao Tamisa, com o seu palacio historico, onde Wolsey ostentava o seu luxo quasi real ; onde Henrique VIII, num baile de mascaradas, perdeu o coração por Anna Bolena, e Carlos I perdeu a cabeça em um patibulo, nos tempos tragicos da historia ingleza. Agóra, os *horse guards* fazem sentinella, apumados, trazendo á cabeça grandes capacetes com penachos de crina ; e as sentinellas de granadeiros com as barretinas monumentaes do principio do seculo, destacam-se para baixo, ao longo da avenida, onde as secretarias dos Estrangeiros e da India, o almirantado, o Thesouro, se alinham á direita. Cada um destes nomes, evocando idéas de um poder enorme, impõe respeito.

Á direita de tudo isto, para o potente, fica o *park Saint James*, limitado, longitudinalmente, pelo *Mall*. Para cima, segue a rua dos clubs, *Pall Mall*, com palacios negros, arcadas que parecem antros, columnas que parecem postes de carvão, e janellas com esplendidas vidraças, como espelhos, através das quaes se adivinham as poltronas incomparaveis e os tapetes mais macios ainda do que a relva dos *parks* : todo o luxo solido e *confortavel*, nada scenico, dos interiores inglezes. E' verão : as janellas são açafates de flôres.

Lá ao fundo, fica Saint James, o palacio de Henrique VIII, com a sua porta de puro estylo Tudor ; e esse genero de construcção, massiça e esguia, é a que quadra ao clima e á payzagem. Não fere pelo absurdo, como o *classico*. Cá no principio de *Pall Mall*, fica-nos a praça de Waterloo, com o seu monumento da Criméa : granadeiros de barretinas como os de além ; mas, felizmente, aqui são de bronze. Não soffrem, os felizes ! Para cima, subindo, váe *Regent Street*, que logo se desenvolve numa bella curva, a que os londrinos chamam *quadrant* ; e no arrancar desse *quadrant*, que leva *Regent Street* para o norte, começa, em angulo recto, Piccadilly, para oéste. São as duas grandes ruas da Londres mundana. E para a esquerda do terraço da galeria onde estamos, parte, desde a encruzilhada do *Charing Cross*, em frente do *Mall*, o *Strand*, longa arteria pa-

rallela ao rio, ligando a Londres mundana com a Londres da *City*, numa extensão de quatro milhas, que tanto é a distancia de *Charing Cross* a *Mansion house*, coração da *City* e residencia do *lord mayor*. A frente da praça de Trafalgar, para léste de Whitehall, cortada ao meio pela avenida de Northumberland, é o bairro dos hotéis da novissima Londres. São casas enormes, de seis andares, á pariziense, reproduzindo, pezadamente, o genero de architectura urbana continental. Estão ahi o Metropol, o Victoria, o Grand Hotel ; e no *Strand*, um pouco adeante, o Charing Cross Hotel, na propria estação do caminho de ferro.

Nesta inspecção que fizemos, reconhecemos trez typos architectonicos differentes: o Tudor, o classico e o continental phalansteriano dos quarteirões massiços de Pariz. Ha outros generos de casas mais, a accrescentar ainda. Ha, primeiro, o estylo da rainha Anna, semelhante ao jesuitico peninsular, e de que a fachada e a torre de Whiteall são um exemplo ; e ha o typo corrente da casaria antiga, sem estylo nem preocupações artisticas. E' um muro de tijollo liso com trez aberturas rectangulares em cada um dos trez andares: o terreo e dois superiores. Quatro quintas partes de Londres, incluindo os bairros miseraveis, são assim: ruas inteiras, ruas enormes, de pequenos alveolos, sem a minima idéa de aparato scenico, formando os *homes* de John Bull. Cada casa tem um morador só: fechada a porta, é um baluarte inviolavel por lei. A porta reluz com os fechos amarellos, brunidos todos os dias; os vidros das janellas não téem um grão de poeira, nem uma mancha de agua. Por fóra, ha flôres quasi sempre nos parapeitos; por dentro, ha sempre cortinas, mais ou menos ricas, mais ou menos conchegadas. Tem tudo um ar de limpeza e conforto abastado. Ás vezes, em frente da casa, rasga-se um fosso defendido por uma grade que limita a rua; outras vezes, é um pequeno jardim; outras vezes, apenas olhos de boi, de vidro grosso, como nos navios, para illuminar o subterraneo, onde estão as cosinhas, a adega e os despejos. Ao rez do chão, ficam as sallas de visitas e a de jantar; nos dois pavimentos altos, os quartos.

Hoje, ha casas luxuosissimas onde predomina a ostentação dinheirosa, affirmando-se em obras de melhor ou peor gosto, mas, em geral, sem character.

Até ao meiado do seculo, porém, as construcções domesticas, externamente simplissimas, e os horrorosos monumentos greco-romanos, póde dizer-se que formavam Londres. Até os palacios dos fidalgos, por exemplo, o de lord Salisbury ou o do duque de Wellington, á entrada de Hyde Park, são predios de apparencia relativamente modesta e simples. O primeiro parece uma casa burgueza. Londres era a capital de um grande povo *protestante*, rígido, trabalhador, cupido e desdenhoso das exterioridades da vida. Por todos esses motivos, não era um povo artista: dahí, o character grotesco dos monumentos londrinos desta época. Revelam uma grande somma de sentimentos nobremente fortes; mas revelam-no por uma fórma entre pueril e extravagante. A epopéa das guerras napoleonicas está escripta em pedra por toda a parte, mas com garatujas de a gente pôr as mãos na cabeça.

De 1850 para cá, o enriquecimento espantoso da Inglaterra e a sua fortuna excepcional affectaram o character antigo e modificaram os aspectos da cidade. Tambem os inglezes quizeram ser artistas e embellezar, modernisar a sua capital, copiando Pariz, apezar do desdém que affectam pelo continente. Sentiam-se exquisitos e inferiores, e, com o bolso a rebentar de libras, deitaram a reconstruir Londres. Vieram as grandes, espaçosas avenidas; vieram os palacios á moda da Renascença franceza ou italiana; vieram os massiços de casaria em andares e compartimentos, á franceza, substituir o velho *home* inglez; vieram as construcções de tijollo vermelho e terra-cota á moda allemã do Hannover e da Prussia; veio, finalmente, a restauração do estylo nacional Tudor, que predomina nos palacios e nas casas communs, e no qual, mais ou menos, se inspira a maior construcção novissima de Londres, que é Westminster.

Sem duvida alguma, é preferivel ás horrorosas columnadas e timpanos romanos. Casa-se melhor com a payzagem; dá uma impressão mais confor-

me com o clima; mas, verdade, verdade, tem os contras de todas as reconstrucções eruditas. Tem um ar de *bric-à-brac*. Vê-se o esforço de gente rica, imaginando que com dinheiro se obtem tudo, e que, á custa de milhões, querem tambem ser artistas. Bem lhes basta o que são. Porque os monumentos verdadeiros da Londres de hoje, quanto a mim, hão de ver-se nas construcções espontaneamente nascidas das necessidades e do character dominante desta civilização carthagineza. São os palacios de crystal das exhibições populares; são as pontes massiças e utilitarias; são as *gares* medonhas, onde o povo se apinha na vertigem do movimento, e as paredes, os tectos, o chão, os muros, os bancos, as vedações: absolutamente tudo está coalhado de annuncios em lettras colossaes, de côres estridulas, para, á força, chamar a attenção.

O annuncio, o phrenesi do cartaz foi das coisas que mais me impressionaram. Perseguem-nos por toda a parte. Nas estações, são um delirio. Pintam com elles os omnibus. Fôrram com elles as carruagens. Penduram-nos ao alto nas empenas das casas, em grandes lettras doiradas, suspensas, que o vento balouça. São as harpas eolias inglezas! E annuncia-se tudo, absolutamente tudo. O vestuario, o calçado, a mobilia, o luxo, a pobreza, os remedios mais extravagantes, os utensilios mais singulares, de nomes arrevesados, extraídos das linguas mortas ou exoticas, com attestados de doutores e sabios. Chega a ser carnavalesco. Não me recordo onde, vi numa payzagem, pendurados do tecto, mais de um cento de cartazes successivos annunciando, com uma teimosia irritante, certa substancia que lavava e não era sabão.

E como estes *trucs* pegam, e como se gastam rios de dinheiro nos reclamos, é triste o pensar que a metropole colossal de um grande povo obedeça por tal fórma ao charlatanismo, ou que seja necessario usar de meios charlatanescos para despertar a attenção. A excentricidade ingleza mostra-se nas proporções estupidas do annuncio; mas o reclamo é uma enfermidade de todas as grandes cidades.

Será que as agglomerações de gente imbecilizam os homens? Será que a

civilização, como tantos querem, não passa de uma doença? Ou será que Londres, na phrase ingleza, é com effeito o *Wen*, ou abcesso britannico?

OLIVEIRA MARTINS.

1892.

— — — — —
O ALMIRANTE (31)

— — — — —
ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

— — — — —
CAPITULO XV

Redigia-se, sob a inspiração do respeito ao Imperador deposto, a mensagem da deliberação de banimento da familia imperial. Deodoro recommendará todas as attensões para com o *grande velho* e era indispensavel que os primeiros passos da Republica, proclamada entre flôres, não se maculassem com violencias inuteis, que não se mareasse com explosões de odio os esplendores da victoria incruenta. A intimação do exilio deveria, portanto, traduzir os sentimentos generosos do povo, reflectir os elevados intuitos do governo, dando-lhe a fórma de providencia de defeza das novas instituições e de garantia da familia reinante contra os possiveis excessos da massa, electrisada pela demagogia dos radicaes.

Esse trabalho era interrompido, a cada passo, pelas noticias do que se passava na cidade, noticias engendradas pelo medo, como se aquelles vencedores não confiassem ainda na realidade do facto consumado, que para elles mesmos fôra uma surpresa.

Contavam, com assombro, o commovente episodio da prisão do visconde de Ouro Preto. O filho, que fôra um paladino da Republica, renegára, num nobre assomo de piedade, todos os proventos dessa conquista em que collaborára, interrompera com um golpe de abnegação a carreira politica, aberta ás suas legitimas aspirações de moço, para partilhar o infortunio do pae idolatrado. Esse procedimento, em pavoroso contraste com a pusillanimidade das adhesões em massa, irradiava, como uma explosão de amor, na caligem das defecções sem remorso.

Vinham depois as delações sorrateiras: um almirante visitára o Imperador no paço; é natural que fôsse suspeitado de organizar a resistencia; Oscar acompanhára o barão do Ladarro, ferido, á sua residencia, nas Laranjeiras, e não se apresentára ainda ao seu posto, sendo evidentemente amigo do Imperador pelas rapidas promoções merecidas. Esse official era muito querido, muito respeitado pelos seus merecimentos; poderia ser um elemento formidavel de reacção entre os imperiaes marinheiros e fuzileiros na-

vaes. Seria de bôa politica supprimir a acção desses dois homens, absolutamente dedicados á monarchia.

Dolores ouviu o nome de Oscar e estremeceu pela sua sorte, suppondo que a sua prisão seria immediatamente ordenada. Seu coração se confrangiou num impeto de ternura em que havia laivos de colera e de terror, como se estivesse ameaçado um precioso bem, que ella salvaria a todo o transe.

Nesse momento, o marechal recomendava ao seu ajudante de ordens todas as atenções e cortezias para com os prisioneiros e ordenava que ninguém fôsse detido sem ordem sua.

— Não quero — dizia o heróe, com a voz rouca, num tom de afflicção — ser responsavel pelos odios, pelos despeitos alheios. A responsabilidade será minha, inteiramente minha.

— Faz muito bem — atalhou Dolores, envolvendo-o num olhar de caricia — Agóra mesmo, ouvi indicar, como perigosos, o Jaceguay e o Oscar. Eu peço — continuou, num tom de supplica — não deixe fazer mal ao Oscar.

— Que poderia eu negar-lhe, filha...

— Oscar é como filho de uma amiga minha, que muito soffreria por elle. Tremo de pensar como ficaria a marquez de Uberaba.

— Conheço — affirmou o marechal — uma formosa senhora. Fui muito amigo do marquez: era um excelente...

E não pôde terminar a phrase. Voltára-lhe a cruciante dispnéa, aggravada pelo calor suffocante daquella noite, pelas commoções do momento, comprimindo-lhe, no peito, o grande coração, fechado para o perigo, para o odio e amplamente aberto a todos os nobres impulsos. Profundamente atacado nos mananciaes da vida, elle resistia impavido á fatalidade da terrivel molestia, mantinha a lucidez do espirito e conservava a firme attitudé cavalheiresca, o traço de fidalguia, de sobranceiria de uma aguia ferida.

CAPITULO XVI

A familia imperial e seus fieis amigos passaram a noite numa atmosphera de terror, onde bruxoleava intermitente um raio de esperanza. Temiam fôsse o paço assaltado pela soldadesca e, ao mesmo tempo, como se não pudessem acreditar na surpresa do seu infortunio fulminante, esperavam arrefecessem com o dia as energias dos triumphadores, voltasse-lhes a consciencia da gravidade daquelle movimento precipitado, que ficaria reduzido a um simples levante de quartéis.

O dia 16 dealbava no horizonte destacando o perfil das montanhas e tingindo de rubros tons sanguineos o céu e a superficie do mar tranquillo. A luz do Sol surpreendeu o Imperador sentado junto de uma meza, numa

ampla cadeira, abatido, na attitudé de meditação calma de um vencido resignado.

O paço estava sitiado por cento e vinte praças do 10.^o batalhão de infantaria, commandadas pelo capitão Bento Gonçalves e quarenta do 9.^o de cavallaria com ordem de sómente permittirem o ingresso ás pessoas auctorizadas pelo camarista de serviço. A multidão curiosa se reunira nas cercanias, aguardando avidamente o desenrolar dos acontecimentos.

A's tres horas da tarde, os membros do Governo Provisorio partiram do quartel-general para o edificio da Camara Municipal, rompendo a custo a massa popular, compacta e delirante, que os acclamava, e prestaram juramento perante os vereadores, reunidos em sessão solemne, aberta com um discurso do presidente, o doutor Nobre, affinando que, « tendo a camara conhecimento dos factos, resolveu reconhecer a nova ordem de coisas e declarar, em nome da paz publica, que o povo deste municipio adheria ao Governo Provisorio. »

Ao mesmo tempo, o major Solon e o tenente Bandeira eram enviados, em grande uniforme, ao paço, onde entregaram ao Imperador a mensagem de deposição, marcando-lhe o prazo de vinte e quatro horas para deixar o Paiz com a familia imperial. Sem traír a commoção que o dominava, naquelle scenario solemne pela tristeza dos personagens presentes, um punhado de amigos dedicados, elle manteve a serenidade da sua augusta função, como se a corôa que lhe arrebataavam, fôsse substituida pela aureola do prestigio de martyr.

O Imperador disse, com voz firme, aos mensageiros, que mais tarde responderia. Pouco depois, elles recebiam a resposta, escripta pelo seu proprio punho, enunciada nestes termos, de uma concisão impressiva.

« A vista da representação escripta, que me foi entregue hoje ás 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das circumstancias, partir, com toda a minha familia, para a Europa, amanhã, deixando esta Patria, de nós estremecida, á qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicacão, durante quasi meio seculo, em que desempenhei o cargo de chefe do Estado. Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas de minha familia, conservarei do Brazil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

Rio, 16 de novembro de 1899.

D. Pedro de Alcantara. »

E, numa correctá lettra feminina, lia-se depois:

« E' com o coração partido de dôr, que me afasto de meus amigos, de todos os brazileiros e do paiz que

tanto amei e amo, para cuja felicidade esforcei-me por contribuir, e pela qual continuarei a fazer os mais ardentes votos. »

« Izabel, condessa d'Eu. »

Estava, nobremente, consumado o sacrificio.

Aproximára-se a hora do exilio. Oscar, depois de explicar com lealdade o seu procedimento, collocando-se á cabeceira do barão do Ladario, felizmente fóra de perigo, obteve do almirante Wandenkoik permissão para visitar a familia imperial.

— Senhor — disse elle, com voz commovida — a minha vida, a minha espada pertencem a vossa magestade...

O Imperador apertou-lhe a mão e murmurou, com voz saccudida de soluços:

— E' um grande consolo para mim a gratidão dos meus amigos. Obrigado, conserve a sua espada ao serviço desta patria que agóra, mais que nunca, necessita de fieis defensores.

Oscar beijou-lhe a mão e recon para ceder o passo ao tenente coronel Mallet, incumbido de conduzir a familia imperial a bordo de uma lancha.

Deante do bello official que se approximava respeitoso e expunha a sua penosa missão, o Imperador perdeu a serenidade e, visivelmente agitado, num tom de desvairamento, exclamava repetidas vezes, como se duvidasse ainda da rigida realidade dos factos:

— Mas que é isto, senhor Mallet? Que foi que fizemos? O senhor está doido? Os outros estão doidos? Diga: qual é a minha culpa, de que me accusam?

E, voltando-se para o almirante Jaceguay, accrescentou:

— Não vou. Não sou nenhum fugido; retirar-me-ei do Brazil, porém de dia.

— Desculpe-me vossa magestade — replicou o barão — o embarque de dia daria azo a manifestações...

— E são muito naturais, porque o povo gosta de mim.

— De certo; mas ao governo incumbiria o dever de reprimil-as. Vossa magestade embarcaria do mesmo modo; correria sangue; poderia morrer alguém da familia imperial.

— O senhor convenceu-me — concluiu o Imperador, após breve pausa e accrescentou calmo — Reinei cinquenta annos e consumi-os em carregar máus governos. Já estou cansado. Tudo isso foi uma surpresa para mim. Não sabia de nada. Vou embarcar de noite, como se fugisse. Tudo isso porque essa gente perdeu a cabeça. Só eu conservo bôa a minha cabeça branca. E quero que se saiba disto que estou dizendo...

Que doloroso momento o dessa par-

tida que relembra condemnados conduzidos ao supplicio!

A Princeza, sacudida de pranto, disse no momento de entrar para o carro:

— Ah! senhor Mallet, os senhores hão de arrependem-se.

E cada vez mais suffocada pelos soluços — accrescentou:

— Que fiz, que fizemos? Vou-me embóra... e levo tantas saudades do Brazil, deste Brazil que eu tanto amo...

Os carros rodaram lentamente por entre alas de soldados: iam enterrar a dynastia morta.

Oscar permaneceu de pé com o olhar immerso na sombra, acompanhando a triste comitiva que desaparecia por entre uma floresta de bayonetas scintillando inquietas á tenue luz da Lua velada por um céu brusco.

Nenhuma voz, nenhum sussurro quebrava aquelle silencio funereo, como se a magestade do infortunio houvesse empolgado, num espasmo de assombro, todas aquellas almas de brasileiro, testemunhando a perpetração de um grande crime.

O estridulo apito de uma lancha fel-o gravitar para a realidade terrivel: estava tudo acabado.

E Oscar pensou nos incidentes tragicos daquellas vinte e quatro horas, das impressões fortes que lhe tinham absorvido o coração e a cabeça, passadas junto do leito de dôr do amigo, do mestre, cujo sangue consagrara uma nobre resistencia inutil. Pelo seu espirito mortificado, atonito, passava a sombra de um remorso da culpa de não haver cumprido o seu dever, suscitando, com o seu prestigio na armada, elementos de defeza do Imperador. Varava-o um calefrio de vergonha por se achar allí, impassivel, escondido como um transfuga, amedrontado por aquellas bayonetas de fulgores sinistros, pelo ruido das patas dos cavallos de um piquete commandado pelo major Solon, o vedeta do Governo Provisorio, destacado para velar pela justiça da Republica. Elle proprio, um representante da força nacional, parecia hypnotisado pela injuncção dos factos, como aquella multidão que se desmanchava, esgueirando-se por entre o arvoredó sombrio, muda, timida como um cumplice fugitivo num impulso de cobardia.

Seria aquillo um dos nefandos crimes dos povos, ou chegara a hora fatal da justiça da consciencia nacional? — pensava elle — Seriam os próceres daquelle momento algozes num desvairamento de barbaria, ou os instrumentos de uma reivindicacção legitima da liberdade? Acontecimentos desses são superiores aos planos das ambições, á suggestão dos interesses subalternos. Não se eradica uma tradição secular por um golpe de audacia, se uma força omnipotente e

logica não dêr, pela conculcação prolongada, consistencia esmagadora a um direito victorioso.

(Continúa)

SCIENCIA E INDUSTRIA

ARVORES DE BORRACHA — ESPECIES NOVAS DESCOBERTAS NA AFRICA TROPICAL.

O sr. de Wildeman acaba de descobrir dois cipós que dão borracha e que eram desconhecidos na Africa tropical. Durante muito tempo, a borracha, exportada em grande quantidade da Africa central, foi considerada producto de uma unica especie de cipó do genero *Landolphia*. Ha, porém, outros cipós que fornecem a borracha.

O sr. Wildeman recebeu, para determinar o genero, um cipó *caoutchifero*, vindo do Congo, onde elle é conhecido, e no Cameron, pelo nome de «Ète»; pertence ao genero *Bairsea*. A planta attinge quinze metros de altura, tem *latex* abundante, e dá borracha de boa qualidade. Das margens do Congo e da região do Kasai, recebeu tambem o sr. Wildeman um outro cipó *caoutchifero*, a *Périploca nigrescens*, da familia das *Asclepiadaceas*, que fornece uma borracha negra de grande valor mercantil. As hastes dessa planta téem apenas dois ou trez centímetros de diametro, de modo que o corte da arvore só pôde ser feito por pequenos talhos, regularmente desfechados.

O *Périploca* rebrota muito facilmente do pé.

DIRECCÃO DOS BALÕES — A FÓRMA DO BALÃO DE RENARD E KREBS E A DO AÉROSTATO DE JULIO CESAR.

A 13 de abril ultimo, falleceu o coronel Renard, director do parque aérotatico de Meudon.

Desde 1875, trabalhava elle em pesquisas sobre a navegação aérea, instituidas pelo ministerio da Guerra, chegando a resultados, praticamente uteis do ponto de vista estrategico, e fazendo interessantes estudos sobre a aviação.

Para os francezes, Renard em companhia do capitão Krebs foram os iniciadores do caminho dos inventores que deveriam aperfeiçoar as descobertas delles. Os dirigiveis actuaes, que téem evoluído sobre Pariz, ao mando de Santos Dumont e Lebaudy, nasceram das investigações de Renard e Krebs, que, de 1882 a 1883, adoptaram a nova fórmula de balão, á maneira de charuto, um cylindro irregular, que é tambem a fórmula dos dirigiveis actualmente conhecidos.

Si não nos falha a memoria, Renard

e Krebs fizeram sobre Pariz, partindo do arsenal de Meudon, a primeira experiencia de um balão dirigivel que, segundo correu, ficou em segredo como arma de guerra e estrategica do governo francez.

Quando surgiu o invento de Santos Dumont, o coronel Renard se escusou ao concurso do Club de aeronautas, allegando aquelle motivo de segredo militar.

E', porém, muito interessante rememorar que a fórmula do balão Renard e Krebs foi, servilmente, copiada do balão do nosso olvidado patricio, Julio Cesar Ribeiro e Souza, que fizera no Pará e no Rio de Janeiro, em presença do Imperador, as demonstrações do seu systema, com o pequeno balão *Victoria*, construido em Pariz.

Os capitães Renard e Krebs assistiram ás experiencias feitas em Pariz, com esse pequeno balão; e quando Julio Cesar encheu allí, nas officinas Lachambre, o seu grande balão definitivo, o *Santa Maria de Belém*, elles foram, em um aérostato do mesmo systema, assistir á operação, parando sobre o terreno, onde ella se realisava.

O systema Julio Cesar fora privilegiado em todos os paizes cultos, inclusive a França, o que deu logar a um veheinente protesto do inventor, defendendo o seu privilegio, protesto que foi transcripto em francez nas columnas do jornal *Provincia do Pará*, hoje de propriedade do senador Antonio Lemos e já naquelle tempo por este redigido.

Os nossos leitores não se recordam desses factos, sobre os quaes passaram vinte annos; não será, portanto, destituido de interessé relembra-los, pagando o tributo da verdade á memoria de Julio Cesar, o poeta, o homem de lettras e o inventor.

Quem reler os jornaes daquelle tempo encontrará a perfeita exposiçao do systema, em que, por uma engenhosa alliança, se utilisavam harmonicos os elementos — mais leve que o ar e o mais pezado, ou o balão e a aviação, Julio Cesar reivindicava, como invenção, a fórmula alongada irregular de um charuto mais grosso para a frente, sendo o seu balão um passaro invertido, com planos lateraes e leme moveis, planos que se moviam para cima e para baixo, que se alongavam ou diminuiam como vélas nos rinzes.

Elle explicava o seu systema de um modo intuitivo:

— Si o passaro, mais pezado que o ar, solicitado pela força de gravitação evita a queda, oppondo o plano das azas á columna de ar que ellas comprimem, é logico que o balão, mais leve que o ar, comprima com as suas azas, que são os planos lateraes, a columna de ar que elle desloca para cima, subindo.

Dessa compressão, numa como

noutra hypothese, resultava o ponto de apoio, tão procurado pelos seus antecessores na conquista do espaço, ponto de gravitação e ponto de leveza, e da collisão dessas duas forças resultaria a directriz, servindo-se dos planos como se servem das azas as aves veleiras, que não necessitam de remar para se dirigirem no espaço.

Esse systema, que ahi fica esboçado, conforme as reminiscencias de vinte annos atrás, despertou a curiosidade dos homens de sciencia e provocou uma erudita polemica jornalística, na qual tomaram parte o genial professor Antiocho Faure, os drs. Frontin, Paula Freitas, Galdino Pimentel e outros, cujos nomes nos fogem neste momento.

Julio Cesar affirmava que o seu balão poderia navegar sem motor, como os passaros navegam com as azas e os navios com as velas; Antiocho Faure, sem regeitar, *in totum*, o systema, encarecia o motor como elemento indispensavel.

Devemos observar que o balão definitivo, o *Santa Maria de Belém*, tinha um pequeno motor.

Quem se dér ao trabalho de reler essa polemica memoravel, verificará que o balão de Santos Dumont é uma adaptação da fórma alongada do de Julio Cesar, o que nada diminúe o merecimento do nosso illustre patriota, que é uma gloria mundial. Este conseguiu achar o ponto de apoio sem o emprego das azas.

Mas a fórma, alongada, irregular parece ser o elemento essencial da dirigibilidade, e a prova disso está em que têm essa fórma os unicos balões, que até agóra obedeceram, no espaço, á vontade do homem.

Julio Cesar foi, portanto, o predecessor de Renard e Krebs, de Santos Dumont, de Lebaudy; operou uma reforma completa nos processos indicados, desde o padre Gusmão, o voador, até Tissandier, cujo balão fusifórme era a derradeira palavra de aérostação, quando appareceu em Pariz o balão Victoria, modelo sem precedentes.

Noticiando a morte do coronel Renard, pareceu opportuno reivindicar a invenção de Julio Cesar, que tanto honrou a sciencia e a nossa Patria. •

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

DO SEGUNDO AO TERCEIRO CHACO

O Dezeseis era um dos batalhões do corpo de exercito do general Osorio, onde marchava o Marquez de Caxias, com o seu brilhante estado maior.

Em menos de duas semanas, percorremos, quasi sem resistencia, o trecho entre Humaytá e São Fernando, onde nos esperava o Dictador, com as suas aguerridas e valerosas tropas.

Apenas a vanguarda, sob o commando do general Andrade Neves, o bravo dos bravos, tivéra pequenos recontros no rio Jacaré e no Forte Real do Tebiquary, onde perdi um bom amigo e o Brazil um dos filhos mais esforçados, o Pantaleão Telles, o primeiro desses valentes irmãos que colheram louros immarcessiveis para a Patria, que tão nobremente souberam servir. Foi o official que mais brilhante carreira fez na cruenta campanha. Em dois annos, subiu de alferes a tenente coronel. Em 1866, commandava naquella posto o piquete de Osorio. Mais tarde, commandou o de Caxias.

Contam que um dia, recebendo este do commandante das nossas cavallarias, atacadas em São Solano, um pedido de reforço, disséra ao mensageiro ajudante de ordens:

— Agóra só posso mandar o meu piquete e o capitão Pantaleão, que vale por um regimento.

Narraram, depois, prodigios das proezas que o fizeram, naquelle dia, official superior. Bom e modesto, tinha a bravura de um paladino.

A triste noticia da sua morte cobriu de lucto o exercito, onde todos eram seus amigos.

No principio de setembro, transpuzemos o Tebiquary, que não tinha grande largura no passo. Algumas tropas o cruzaram em monitores da esquadra, que haviam remontado o rio ao nosso encontro; outras, em pontões do nosso trem, com cabos de *várem*.

Os paraguayos haviam abandonado as suas posições e marchado para o norte.

Quando o Dezeseis ganhou a margem direita e seguia em busca dum logar onde abarracar, sentimos um cheiro nauseabundo de matadouro, que a cada passo o tornava mais intenso.

Urubús negros e camirangas, com as pontas das azas esbranquiçadas, esvoaçavam em circulo, disputando a posse de pedaços de carniça. A' medida que nos acercavamos, os abutres eram mais numerosos; já não se levantavam em bandos; pareciam mais mansos ou não fazerem caso de nós; olhavam-nos espantados e davam curtas carreiras abrindo as azas largas e crocitando aos pulos. Mais adeante... que quadro!... Ainda hoje enche-se de assombro a minha memoria ao lembrar-o. O tragico pincel do proprio Ribera tremeria ao copial-o. Tinhamos perto uma valla immensa, atopetada de cadaveres denegridos pela podridão, moços e velhos, todos nós com

ferimentos medonhos de lança, de bala, de faca. As gargantas cortadas, cobertas de varegeiras, os peitos largamente fendidos, restos dos intestinos, que os urubús já tinham arrancado. Todos immensamente inchados. Um ou outro com os olhos e bugalhadados, quasi todos só com as orbitas, que os abutres deixavam.

Como aquella, havia outras vallas, perto de um laranjal e descobertas.

Não era possivel contar os mortos: estavam empilhados em desordem. Havia centenaes. Parecia terem sido trucidados alli mesmo, á beira das enormes sepulturas. O chão, em derredor, tinha ainda os signaes do muito sangue derramado. *Passados*, que estavam conosco, disseram-nos os nomes de alguns suppliciados, que formavam o escól da alta sociedade paraguaya. Alli estavam o ministro das relações exteriores José Berges, o general Bruguez, homens de Estado, juriscultos, politicos, sacerdotes de alta jerarchia, generaes, o que o Paraguay tinha de mais conspicuo. Os irmãos, os cunhados, os amigos dedicados del Supremo, jaziam naquellas cóvas, de proposito descobertas, para que nós os vissemos bem. O pretexto daquella matança espantosa foi uma conspiração, que o cerebro do horriovel Nero phantasiou para se libertar dos que ainda podiam julgar os seus grandes crimes naquella terra batida pela desgraça.

Foi curta a nossa demora em S. Fernando. Poucos dias depois de deixal-o, forçámos a marcha. Ouvimos ao longe os echos de um combate na vanguarda. Era o inimigo que se oppunha á nossa passagem na ponte do Surubyhy. Foi ardente a refréga e o inimigo repellido.

Naquella ponte memoravel, Andrade Neves, o mais bello e esforçado cavalleiro rio-grandense, estacou o cavallo deante dos paraguayos, que avançavam contra a nossa artilharia, e deteve-os, pasmados de tanta intrepidez, repetindo a façanha de Bayard contra os guerreiros hespanhóes na ponte de Garigliano.

No dia seguinte, acampámos em Palmas. Logo adeante, a poucos kilometros, estava o forte de Angostura, numa volta apertada do rio, no flanco da linha fortificada do arroio Pekiciry. O Dezeseis recouheceu as obras avançadas da forte posição a 27 de setembro e, no dia 1º de outubro, fez parte das tropas, que reconheceram, á viva força, as linhas artilhadas além do arroio, não sendo pequeno o numero dos nossos mortos e feridos.

Permanecemos em Palmas ainda alguns dias. Nas minhas folgas, fazia visitas aos meus camaradas de outros corpos.

Em uma dellas, soffri uma das mais

acerbas decepções da minha vida militar. Dois amigos, que eu prezava muito, convidaram-me para ser *Bauído de Aviz*. Parecia que a loucura cravára com a mão crispada o estylete fatal naquelles pobres cerebros, desvairados pela ambição. Eu, que era soldado por vocação, tinha amor á minha espada e honrava-me com a farda que vestia, aspirava ver brilhando no meu peito a nobilissima cruz de Aviz, attestado passado aos capitães de vinte annos de bons serviços e sem macula.

Era uma honra com que eu sonhava. Como poderia ser um *Bauído de Aviz*? Só o nome encheu-me de estúpôr. E os intuitos?! Para que lembrar tanta abominação? O homicidio e o perjurio eram recursos para os que precisassem de vagas para serem promovidos!... Para honra de nosso exercito, aquella *maffia* ignobil não vingou. Todos repelliram-na com desdém e no nome de—banidos—, trocaram o *n* por um *d*.

No dia 10 de outubro, passou para o terceiro Chaco o Dezeseis, o *piounier* audaz e destemido daquella ingrata região. Faziam parte da pequena columna, confiada ao commandante Tiburcio, o 4º de infantaria, um contingente do batalhão de engenheiros e uma pequena força de cavallaria, commandada pelo capitão Fialho, que o Tiburcio chamava—meu Mudarra—lembrando-se do *homem da mascara negra*; tinha o typo pronunciado de berbere e seu valor o faria figurar, com honra, nos esquadrões de Murat e de Tarik.

Desembarcámos num barranco lamacento, coberto de capim, cheio de capivaras.

Com ondulações suaves, o terreno ia descambando para o interior, até á orla enredada da floresta, onde o chão, excessivamente humido, era matisado de monticulos de gravetos e folhas podres, deixados em sedimentação pelo rio, quando se retirava ao leito normal. Nos galhos das arvores, víamos, muitos metros acima das nossas cabeças, pedaços de páu e raizes, enganchados, marcando, com a cisalhagem das enchentes, o limite das grandes aguas. Sentia-se um cheiro indescritivel de môfo, de lama, de todos aquelles detritos putrefactos, que nos cercavam por toda a parte, e corrompiam o ar, que respiravamos, principalmente á noite, fechados nas nossas tendas de campanha e dormindo á flôr do sólo. O *albardão* em que acampámos, era limitado, de um lado pelo rio e do outro por um lençol d'agua, que podia ser uma lagôa ou um arroio, porque não o víamos correr; era estreito e longo e perdia-se na espessura da matta, mais negra do que elle, que ao menos reflectia os raios de Sol, que penetravam a sombria abobada.

Além, para o interior, o desconhecido com os mysterios, que, em poucos dias, desvendariamos.

Era prenhe de ameaças a natureza que nos envolvia, sem nos impressionar mais, porque a ella estavamos por longo habito afeitos.

Nas brenhas emmaranhadas e nos lobregos paúes daquella terra, a morte nos esperava como um Proteu sinistro, revestindo as fórmias mais tetricas.

No mesmo dia do nosso desembarque, o Tiburcio ordenou-me que fôsse com algumas praças fazer um reconhecimento para o interior. Partimos rio acima pelo albardão, procurando um ponto, por onde nos fôsse mais facil vadear a lagôa ou arroio, que tinhamos á esquerda. Depois de mais de um kilometro, vimol-o dirigir-se para o rio, que o represava. Não devíamos seguir além e era preciso atravessal-o. Procurámos um passo e chegámos a um logar que tinha menos largura. Eram escuras as aguas e atoladiça a terra negra da margem.

Do lado opposto, continuava a matta. Podia dar váu ou ser muito fundo. As aguas guardavam os seus mysterios.

Mandei dois homens exploral-o; entraram e, ao segundo passo, afundaram-se.

Estenderam-lhes carabinas e saíram com lama até aos joelhos; atolava muito. Mandei outros explorarem mais para cima e, como os primeiros, tambem não puderam passar.

—Não dá váu?... Vamos a nado—exclamei.

Eram todos bons nadadores.

Prenderam as patronas na cabeça; armaram os sabres embainhados e, segurando as carabinas com a mão esquerda, atravessaram para a outra banda, nadando só com o braço direito. Continuámos pela matta e, em pouco tempo, chegámos a um immenso campo, coberto de macegal tão alto, que quasi nos escondia, e povoado de carandás, a palmeira tristonha que mais abunda naquella terra inhospita, muito peor do que as maremmas da Toscana, que ao menos mereceram de um poeta medieval, o synthetico verso:

Dilettevole molto e poco sana.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa.)

DIVERSÕES

XADREZ

Esta revista resolveu abrir mais espaço a este admiravel jogo, satisfazendo assim o desejo de muitos dos seus leitores.

Por ora, além dos problemas e partidas que publicaremos, daremos notas interessantes sobre a sua origem e historia; mais tarde, quando tivermos os elementos de que nos estamos aparelhando, registaremos tambem o movimento contemporaneo do xadrez no estrangeiro.

Dos problemas que publicarmos, dare-

mos no numero seguinte a resolução; mas dispensar-nos-emos, por ser inutil ao fim que nos propomos, de dar os nomes dos solucionistas.

No Brazil, o xadrez tem magnificos cultores, entre os quaes poderemos citar: Caldas Vianna (o campeão da America), Arthur Napoleão, Theophilho Torres, Henrique Costa, Souza Campos, José Piza, Heitor Bastos, e muitos outros. No emtanto, depois de dois torneios interessantissimos, realizados em 1902 e 1903 no Club dos Diarios, desta capital, e do *match* com a Republica Argentina, esmoreceu o enthusiasmo. Contamos, porém, que esse marasmo não dure por muito tempo.

Publicamos hoje um problema e uma partida.

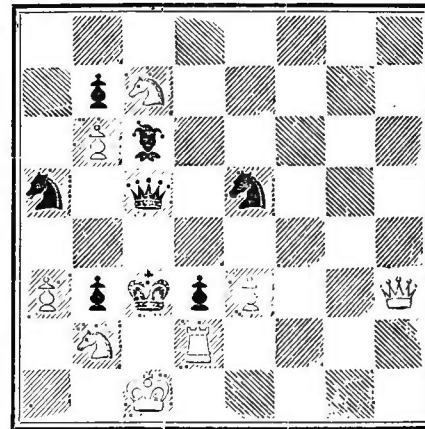
O problema, do celebre problemista S. Loyd, é o mais difficil que se conhece em 2 lances.

A partida, jogada pelo extraordinario Anderssen, é a tal ponto maravilhosa que os allemães a denominaram — *A Immortal*. Não se conhece partida em que o jogador tenha levado tão longe a audacia, sacrificando, para conquistar a victoria, quasi 2/3 das suas forças, e levando o adversario á derrota por um ataque tão admiravelmente combinado quanto irresistivel.

PROBLEMA Nº 1

S. Loyd

PRETAS (8)



BRANCAS (8)

Mate em dois lances

PARTIDA Nº 1

GAMBITO DO BISPO DO REI

| Branças (Anderssen) | | Pretas (Kiéséritzky) |
|------------------------|--------|-------------------------|
| P 4 R | — 1 — | P 4 R |
| P 4 B R | — 2 — | P × P |
| B R 4 B D | — 3 — | D 5 T R (x) |
| R 1 B | — 4 — | P 4 C D |
| B × P C D | — 5 — | C R 3 B |
| C R 3 B | — 6 — | D 3 T |
| P 3 D | — 7 — | C R 4 T |
| C R 4 T | — 8 — | D 4 C R |
| C 5 B R | — 9 — | P 3 B D |
| P 4 C R | — 10 — | C 3 B R |
| T 1 C R! | — 11 — | P × B |
| P 4 T R | — 12 — | D 3 C |
| P 5 T | — 13 — | D 4 C |
| D 3 B R | — 14 — | C 1 C R |
| B × P | — 15 — | D 3 B |
| C D 3 B | — 16 — | B R 4 B D |
| C D 5 D | — 17 — | D × P C D |
| B 6 D! | — 18 — | D × T (x) |
| R 2 R | — 19 — | B × T |
| P 5 R | — 20 — | C D 3 T |
| C R × P (x) | — 21 — | R 1 D |
| D 6 B R (x) | — 22 — | C × D |
| B 7 R (mate). | | |

JOSÉ GETULIO.

“Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.